

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

VANESSA LOPES COUTINHO CAMPOS

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA, AS *HISTÓRIAS* E AS MEMÓRIAS NO
UNIVERSO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

VANESSA LOPES COUTINHO CAMPOS

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA, AS *HISTÓRIAS* E AS MEMÓRIAS NO
UNIVERSO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Iara Christina Silva Barroca

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

C198o
2021 Campos, Vanessa Lopes Coutinho, 1995-
Um olhar sobre a história, as histórias e as memórias no
universo literário de Carolina Maria de Jesus / Vanessa Lopes
Coutinho Campos. – Viçosa, MG, 2021.
1 dissertação eletrônica (93 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Orientador: Iara Christina Silva Barroca.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2021.

Referências bibliográficas: f. 70-78.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2021.235>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Crítica e
interpretação. 2. Mulheres na literatura. 3. Literatura brasileira -
Escritoras - Biografia. 4. Memória. I. Barroca, Iara Christina
Silva, 1978-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento
de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 809.933522

VANESSA LOPES COUTINHO CAMPOS

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA, AS *HISTÓRIAS* E AS MEMÓRIAS NO
UNIVERSO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-Graduação
em Letras, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

APROVADA: 10 de setembro de 2021

Assentimento:



Vanessa Lopes Coutinho Campos

Autora



Iara Christina Silva Barroca

Orientadora

A Deus, por ser a força na minha fraqueza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sonhar comigo todos os meus sonhos e torná-los possíveis, por me ensinar, em cada detalhe, o que é realmente importante na vida.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil) pela concessão da bolsa de estudos e à Universidade Federal de Viçosa, pelo apoio à pesquisa.

À professora Iara Barroca, minha orientadora, agradeço pelos ensinamentos, pela gentileza, paciência, educação e carinho constantes e por ser uma profissional humana e uma pessoa admirável no trato para comigo. Obrigada por me adotar como orientanda: a senhora foi uma grata e bonita surpresa na minha vida acadêmica.

A todos os professores que tive. É um dever agradecê-los. Obrigada por me ensinarem não só o conteúdo das disciplinas que lecionaram, mas lições para a vida. Agradeço de forma especial, nessa jornada universitária, aos professores Adélcio por me acolher na área da pesquisa literária com sorriso e bondade, e à professora Joelma por me tocar com seu amor pela Literatura com maestria, sabedoria e humildade. Suas aulas e sua conduta me inspiraram a ser uma professora melhor a cada dia.

Aos professores que aceitaram o convite para participarem da banca. Obrigada por se dedicarem à leitura do meu texto e por toda contribuição que, com certeza, trarão ao meu trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, por tornarem as aulas mais leves e mais engraçadas. Obrigada pelo respeito, por não deixarem o espírito de competitividade existir entre nós, pela troca de aprendizados e por serem sempre solícitos.

Aos meus amigos de sempre, por permanecerem em minha vida e a tornarem mais colorida. Gratidão por viverem essa fase comigo. Embora estivéssemos em áreas de estudos diferentes, compartilhamos conhecimentos e experiências.

Aos meus pais, Inar e Nilceia, por não pouparem esforços para que eu conseguisse estudar, por serem os meus maiores incentivadores, por acreditarem em mim e por serem os melhores pais do mundo inteirinho. Ao meu irmão, Breno, por ser o melhor presente que os meus pais me deram e por me fazer rir sempre, mesmo diante das dificuldades.

Ao meu esposo, Rafael, por ser a melhor escolha de Deus para mim, por cuidar tão bem da nossa família, por ser meu melhor amigo, meu suporte, minha calma, meu conselheiro... E por ser meu principal apoio nessa fase final do mestrado.

Muito amor e gratidão a todos!

*“Quando se tem um porquê viver, pode-se suportar
quase qualquer como.”*

Friedrich Nietzsche

RESUMO

CAMPOS, Vanessa Lopes Coutinho, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2021. **Um olhar sobre a história, as histórias e as memórias no universo literário de Carolina Maria de Jesus.** Orientadora: Iara Christina Silva Barroca.

Esta dissertação buscou apresentar uma reflexão sobre a trajetória literária da escritora Carolina Maria de Jesus, que, ao olhar desta pesquisa, foi constituída de um entrelace entre, de um lado, o momento histórico que ela viveu, as histórias que a compuseram enquanto escritora, mulher, negra, pessoa; e, de outro, as memórias que se tornaram a substância de sua obra. Buscou-se também descrever uma introdução sobre a vida da autora, conferindo relevância à sua ascensão e ao sucesso com o público. Pretendeu-se, dessa forma, que o leitor, após conhecer o passado de Carolina, pudesse compreender como esse passado foi um dos importantes elementos para a construção do seu íntimo literário. De tal modo, o trabalho contempla a análise sobre o conteúdo, o estilo, o lirismo da autora nas obras *Quarto de despejo, diário de uma favelada* (1960), *Pedaços da fome* (1963) e *Antologia Pessoal* (1996), apoiado nos estudos de relevantes nomes, como Massaud Moisés, Antonio Candido, Jean-Marie Thomasseau e estudiosas especialistas na escrita da Carolina de Jesus, como Rafaella Fernandez e Aline Arruda; além do organizador da *Antologia Pessoal*, José Carlos Sebe Bom Meihy. Compartilhou-se também estudos sobre como a tradição oral, a autoficção e a memória fazem parte da constituição de um percurso que materializou a realização do projeto literário pensado por Carolina, conferindo uma análise crítica mais profunda e abrangente ao contexto de sua principal publicação: *Quarto de despejo* (1960). Para tais considerações, destacou-se pesquisas de Márcio Seligmann-Silva, Amanda Ferreira, Phillippe Lejeune, Eurípedes Figueiredo, Dirceu Magri, Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff. Ademais, verificou-se como se deu a descoberta, a reinvenção e a (re)afirmação da força da sua identidade por meio de sua produção literária, partindo para discussões acerca do posicionamento feminino bem como a construção de sua escrevivência nesse meio, demonstrando momentos de repressão sofridos, a exploração de sua imagem e sua representação na contemporaneidade. Para isso, recorreu-se a estudiosos como Pierre Bordieu, bell hooks, Angela Davis, Mary Wollenstonecraft e Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Literatura feminina. Memória.

ABSTRACT

CAMPOS, Vanessa Lopes Coutinho, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September 2021. **A point of view about the history, stories, and memories in the literary world of Carolina Maria de Jesus.** Adviser: Iara Christina Silva Barroca.

This thesis aims to provide a reflection on the literary trajectory of Carolina Maria de Jesus, who, in the point of view of this research, was constituted of a link between, on the one hand, the historical moment she lived, the stories that made her a writer, woman, black, person; and, on the other hand, the memories that became the substance of her work. We also sought to describe an introduction about the author's life, giving relevance to her ascension and success with the public. We intended that the reader, after knowing Carolina's past, would understand how it was one of the crucial elements for the construction of her literary intimate. This work contemplates the analysis of the content, style, and lyricism of the author in *Quarto de despejo, diário de uma favelada* (1960), *Pedaços da fome* (1963), and *Antologia pessoal* (1996), supported by studies from relevant names as Massaud Moisés, Antonio Candido, and Jean-Marie Thomasseau; and by scholars specialized in the Carolina's writing, such as Rafaella Fernandez and Aline Arruda; besides the organizer of the *Antologia pessoal*, José Carlos Sebe Bom Meihy. We also shared studies on how oral tradition, self-fiction, and memory were essential elements in the journey that led to the realization of the literary project thought by Carolina, conferring a more profound and comprehensive critical analysis to the context of her main book: *Quarto de despejo* (1960). For these considerations, we highlighted some works of Márcio Seligmann-Silva, Amanda Ferreira, Phillipe Lejeune, Eurípedes Figueiredo, Dirceu Magri, Maurice Halbwachs, and Jacques Le Goff. Moreover, it was verified how the discovery, the reinvention, and the (re)affirmation of the strength of her identity were made through her literary production, moving on to discussions about the female position as well as the construction of her “*escrevivência*” in this world, highlighting moments of suffered repression, the exploration of her image and the contemporary representation of hers. For this, we turn to scholars such as Pierre Bordieu, bell hooks, Angela Davis, Mary Wollenstonecraft, and Conceição Evaristo.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Women's literature. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 3.....	81
Figura 2 - Carolina Maria de Jesus (<i>In: Folha da Noite</i> , 09/05/1958, p. 5) - Com grifos nossos.	82
Figura 3 - Carolina Maria de Jesus em meio a livros, revistas e cadernos. Fotografia de Carlos Piccino.	83
Figura 4 - O Cruzeiro, em 1959. 1/4.	84
Figura 5 - O Cruzeiro, em 1959. 2/4.	84
Figura 6 - O Cruzeiro, em 1959. 3/4.	85
Figura 7 - O Cruzeiro, em 1959. 4/4.	85
Figura 8 - Correio Paulistano (SP), 18 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 7.....	89
Figura 9 - Correio Paulistano (SP), 20 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 7.....	89
Figura 10 - Registro do lançamento do livro “Quarto de Despejo”.	90
Figura 11 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 16. Parte 1/2.	91
Figura 12 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 16. Parte 2/2.	91
Figura 13 - A Cigarra (SP), 03 de agosto de 1966, página 90.....	92
Figura 14 - O Cruzeiro (RJ), 21 de abril de 1971, página 19.	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os temas da <i>Antologia Pessoal</i> de Carolina Maria de Jesus.....	93
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O TEU NOME É CAROLINA MARIA DE JESUS	16
2.1 Uma introdução à Carolina	16
2.2 Apresentação como uma célebre escritora.....	19
2.3 Ascensão e apontamentos acerca da recepção na mídia	21
2.4 A queda de Carolina e sua repercussão midiática.....	23
3. O UNIVERSO LITERÁRIO DE CAROLINA.....	26
3.1 Quarto de despejo: diário de uma favelada.....	26
3.2 Pedacos da fome	31
3.3 Antologia Pessoal	36
4. MEMÓRIAS NOS REGISTROS DE CAROLINA.....	41
4.1 O impacto da tradição oral, guardiã da memória.....	43
4.2 A autoficção como um dos produtos de sua memória	45
4.3 Liames entre <i>Quarto de despejo</i> e a memória coletiva.....	47
5. A (RE)AFIRMAÇÃO DA SUA IDENTIDADE POR MEIO LITERATURA.....	57
5.1 A força narrativa: a construção da sua <i>escrevivência</i>	57
5.2 Carolina: “quero ser eu”	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS.....	79
ANEXO A – Transcrição de “Carolina Maria, poetisa preta”, de Willy Aureli.....	79
ANEXO B – Coluna comentada por Mauricio Loreiro Gama, em 1960, no jornal <i>Correio Paulistano</i> , que defende o primeiro livro publicado de Carolina Maria de Jesus	81
ANEXO C – Imagem da matéria sobre Carolina Maria de Jesus, do repórter Audálio Dantas, no <i>Folha da Noite</i> , em 1958	82
ANEXO D – Foto de Carolina Maria de Jesus em sua volta em catar papel. Ela se encontra em meio a livros, revistas e cadernos, já sem nenhum sucesso	83
ANEXO E – Imagens da matéria “Retrato da favela no diário de Carolina”	84
ANEXO F – Transcrição da reportagem: “Retrato da favela no diário de Carolina -Texto e fotos de Audálio Dantas.....	86
ANEXO G – Sequência de reportagens, com transcrições, dos caminhos da escritora após a publicação de <i>Quarto de despejo</i> (1960)	89
ANEXO H – Registro da saída de Carolina Maria de Jesus da favela do Canindé.....	91
ANEXO I – Registros do momento da queda da fama de Carolina no Brasil.....	92

ANEXO J – Tabela com os temas presentes na <i>Antologia Pessoal</i> de Carolina Maria de Jesus	93
--	----

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a constituição da trajetória literária da escritora Carolina Maria de Jesus. Para isso, buscamos analisar como a história – história como um contínuo de acontecimentos –, as “histórias” e a memória se constituíram elementos essenciais no percurso que conduziu Carolina Maria de Jesus à realização de seu projeto literário. Dessa forma, algumas obras da autora são definidas como *corpus*: *Casa de Alvenaria*, *Pedaços da fome*, *Diário de Bitita*, *Provérbios*, poemas de sua *Antologia Pessoal* e, conferindo uma análise crítica mais aprofundada e abrangente ao contexto desta sua principal publicação, *Quarto de despejo, diário de uma favelada*.

Para tanto, destacamos a relação de Carolina Maria de Jesus com a literatura, relação essa iniciada na infância. Mesmo em condições precárias para comprar os livros, ela buscava meios para ter acesso a eles e muitos a inspiraram a ser uma escritora. Quando chegou a São Paulo e se viu diante da miséria, com três filhos para criar sozinha, foi a literatura que lhe possibilitou viver em melhores condições de vida.

Dessa forma, escrevia e buscava quem poderia ajudá-la a publicar seus escritos. Sua tessitura narrativa muito se inspirava nas leituras realizadas, nos ensinamentos e nas histórias que seu avô contava e em suas vivências. Sua imaginação era fértil e o momento da escrita era um refúgio para a autora poder sonhar e suportar a realidade.

Diante disso, para a realização desta dissertação, foi importante recorrer a trabalhos já desenvolvidos na área dos estudos literários. Logo, apresentam-se aqui, em linhas gerais, os aspectos teóricos que nortearão as reflexões e análises dessa pesquisa. A metodologia utilizada nessa pesquisa, após a seleção do *corpus* composto por livros da autora Carolina Maria de Jesus – o *Diário de Bitita*, sua *Antologia Pessoal*, *Casa de Alvenaria*, *Provérbios*, com destaque, sobretudo, para *Quarto de despejo* –, passou pela escolha de informações que se sobressaem (para apresentar a autora e seus caminhos literários), pela utilização da memória em seus escritos e pela (re)afirmação da sua identidade por meio da literatura.

No primeiro capítulo que se segue após esta introdução, procuramos apresentar uma introdução àquela trajetória literária, usando como auxílio o livro *Diário de Bitita* (1986), um diário sobre a infância, a adolescência e o início da vida adulta da escritora em um Brasil pós-abolição. Com isso, almejamos que o leitor compreenda como alguns acontecimentos da infância da Carolina foram elementos cruciais para a construção do seu universo literário.

Para esse levantamento de informações, demonstramos como a literatura foi sendo introduzida na vida da autora, desde a sua infância, em Sacramento, Minas Gerais (MG). Além disso, ressaltamos um momento importante nessa fase: quando ela começou a frequentar a escola e aprendeu a ler. Segundo entrevistas da filha de Carolina de Jesus, Vera Eunice, o colégio foi o primeiro lugar onde a mãe ouviu seu nome por completo, já que, antes, era conhecida apenas como Bitita.

Nesse caminho, a autora passou por algumas cidades, mas é em São Paulo, São Paulo (SP), que ela decide permanecer. Na capital, tem seus três filhos e os cria sozinha dentro de uma realidade difícil, de pobreza e de fome. Todavia, como já explicitado, pode ser inferido que Carolina tinha um plano para alcançar melhores condições de vida, exercendo sua paixão: escrever. Não obstante, ela consegue, não sem muito esforço, a publicação de algumas das suas produções, sendo a primeira exatamente sua obra de lançamento: *Quarto de despejo* (1960).

Após esse episódio, sua vida transmuta e Carolina de Jesus alcança o êxito que a auxilia a mudar de vida. Focando nessa ascensão, realizamos alguns apontamentos sobre sua recepção na mídia com manchetes que foram publicadas na época, através de reportagens encontradas na Hemeroteca Digital Nacional (entre 1940 e 1971).

Após a tão esperada publicação, percebemos que a escritora se encontrou receosa para as novas publicações. Isso porque, a partir de uma declaração de Carolina, depois de *Quarto de despejo*, ela começou a escrever sobre o novo ambiente que frequentava, além de se utilizar de outros gêneros textuais, que não o diário. Na obra pós seu primeiro lançamento, escreveu sobre sua ascensão social em *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), mas contra o mundo dos ricos. O sucesso, entretanto, não foi o mesmo do seu lançamento, trazendo baixos lucros para a escritora.

É válido ressaltar também que, além dos livros, a artista também trabalhou com a área musical: lançou um disco, *Cantando*, com suas próprias composições, mas esse já sem nenhum sucesso. Em seguida, no ano de 1963, publica *Pedaços da fome*, um romance, com apresentação de Eduardo de Oliveira. No entanto, ele é recebido com indiferença pela imprensa e pelo público, bem como sua próxima edição, *Provérbios* (1965), sem nenhuma repercussão. Dessa forma, refletimos sobre o processo da ascensão à queda da escritora. Essa perda de prestígio fez com que a memória de Carolina e sua produção literária se mantivessem adormecidos por muitos anos, morrendo esquecida pelo mercado editorial.

No segundo capítulo que se segue a esta introdução, adentraremos no universo literário da autora, fazendo uma análise sobre o conteúdo, o estilo, o lirismo da autora em obras como *Quarto de despejo* (1960), onde encontramos reflexões acerca do momento da escrita, reunindo

fatos de um mesmo dia, bem como reflexões dos momentos passados. *Pedaços da fome* (1963), que rompe com a escrita “diarística” de Carolina, também é analisada. Essa obra é um romance influenciado também pelo seu hábito de leitura, e que se aproxima muito da narrativa folhetinesca do século XIX. Dos seis romances que escreveu, publicou apenas este. Além desses livros, há também a *Antologia Pessoal* (1996), contendo oitenta e sete poemas, com uma grande fração de textos inéditos guardados por sua filha Vera Eunice Jesus de Lima. A publicação póstuma aconteceu pelas mãos e organização de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996).

Sobre seus poemas, a autora afirma que eram o que de melhor ela poderia oferecer aos leitores e era o que mais gostava de escrever. Ela transformou os temas, sobre os quais trabalhava na prosa, em versos e rimas. Nos poemas, evoca a infância, o afeto, a fé, a política e o amor romântico. Trata-os com mais leveza do que quando tratou da pobreza no romance e no diário, já citados acima.

Esse capítulo apoia-se nos estudos de relevantes nomes, os quais são destacados aqui: Massaud Moisés (1999), Candido (2006), Andrade (1983), Thomasseau (2005) e os principais trabalhos sobre Carolina Maria de Jesus; uma fortuna crítica composta por pesquisadores como Fernandez (2008) e Arruda (2015); Farias (2018), que escreve a biografia mais recente da autora, além do organizador da *Antologia Pessoal*, José Carlos Sebe Bom Meihy (1996). Com isso, ressalta-se trechos de alguns textos da autora, dos diferentes gêneros apresentados, os quais demonstram seu estilo e como se apresentam suas ideias literárias.

A elaboração do capítulo três após esta introdução, por sua vez, teve como enfoque explorar o papel da memória nos registros de Carolina, onde estão inscritos suas recordações, seu tempo, espaço, sentimentos, sonhos e agruras. Exploramos o impacto da tradição oral encontrada, em especial, em *Diário de Bitita* (1963). A oralidade se torna um grande impulso da civilização e da cultura dos seus povos e era/é uma forma de construção do conhecimento. Destarte, ainda buscamos compreender como uma conflituosa reunião entre a autobiografia e a ficção faz surgir um novo gênero: a autoficção, que é presente nas narrativas da autora.

Consequentemente, como forma de armazenar suas lembranças e de preservar essa herança da tradição oral, Carolina escreveu em seus cadernos o que hoje é a sua principal criação: o *Quarto de despejo* (1960), o qual intensifica a oralidade pela instantaneidade conferida através da anotação dos eventos cotidianos. A narrativa do seu diário está intrinsecamente conectada à memória e, nessa conexão, há uma linha tênue entre o real e o ficcional. À vista disso, o gênero pode contribuir tanto para estudos literários quanto para estudos históricos e memorialísticos para a consolidação de fatos, caso o texto apresente a

distribuição de importantes referências históricas. O que nos motivou a estudar também sobre os liames entre *Quarto de despejo* (1960) e a memória coletiva.

Para essas considerações, ainda nesse mesmo capítulo três, utilizamos estudos sobre a memória e a tradição oral, como, por exemplo, Seligmann-Silva (2003; 2012), Ferreira (2013), Lejeune (2008), Figueiredo (2010), Magri (2016), Halbwachs (1990) e Le Goff (1990).

Doravante, no quarto capítulo em sequência, verificamos como se deu a descoberta, a reinvenção e a (re)afirmação da força da sua identidade por meio de sua produção literária, partindo para discussões acerca do posicionamento feminino bem como a construção de sua escrevivência nesse meio. Para isso, recorreremos a estudiosos como Bordieu (2012), Candido (1995), bell hooks¹ (1995), Davis (2016), Wollenscraft (2016) e Evaristo (2007; 2010).

Ainda nessa linha, destacamos os momentos de repressão sofridos, os quais podiam, muitas vezes, impedir Carolina de ser quem ela, de fato, demonstrava querer ser e como esses juízos podem ter contribuído para a exploração de sua imagem, em que a mídia a representava apenas como uma favelada. Por fim, ponderamos sobre sua presença na contemporaneidade, a segunda geração do sucesso da autora, que auxilia em sua consagração como a mulher negra brasileira mais publicada no mundo.

Justifica-se, portanto, a necessidade de realizar essa pesquisa: se aprofundar na trajetória e nos escritos de Carolina Maria de Jesus, uma autora necessária. Considerando as dificuldades de se legitimar a escrita de quem ocupa espaços subalternos, estudar não só a representação dessas personagens, mas sobre quem escreve sobre elas é de grande importância para a reflexão sobre as precárias condições sociais de muitos e sobre a condição da soberania de alguns. Dessa forma, estar-se-á contribuindo para a difusão de sua produção literária, além de auxiliando para que o seu esquecimento não aconteça.

¹ Pseudônimo da autora Gloria Jean Watkins; em minúsculo por sua pretensão de dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

2. O TEU NOME É CAROLINA MARIA DE JESUS

No primeiro dia de aula queria ir embora, porque queria mamar. E a professora dela, só teve esta, chamava Lenita, disse: ‘Você vai estudar e não vai mamar, Carolina Maria de Jesus’. Ela nunca tinha ouvido o nome dela, ouviu ali. Até então, era Bitita. Vera Eunice de Jesus (*apud* Maciel, 2016).

2.1 Uma introdução à Carolina

A autora Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais. Em *Diário de Bitita* (1986), encontramos relevantes referências sobre o início de sua vida, sua origem. Sua mãe se chamava Maria Carolina, também conhecida como Cota. Ela era casada quando conheceu o pai de Carolina, que era músico, repentista, um “poeta boêmio” (JESUS, 1986, p. 69); e cantava em casas noturnas. Em um dos bailes, se conheceram, passaram a se encontrar numa praça e, do relacionamento, nasceu Carolina. O esposo de Maria Carolina a abandonou após a traição, logo depois da menina nascer. Todavia, a relação entre seu pai biológico e sua mãe também foi desfeita, e Carolina cresceu sem a presença paterna.

Sua cidade natal, Sacramento, era uma cidade pequena e, segundo a própria autora, as informações e julgamentos corriam rapidamente. Desta maneira, Maria Carolina enfrentou preconceitos pela relação extraconjugal e assegurou o sustento da família (Carolina e seu outro filho, Jerônimo Pereira, fruto do casamento) trabalhando como lavadeira, limpando casas familiares e casas de prostituição, levando, algumas vezes, Carolina para acompanhá-la.

Sobre seu pai biológico, Carolina afirma saber pouco, pois sua mãe lhe dava poucas informações sobre ele. Das explicações recebidas da mãe, Jesus (1986, p. 8) destaca uma, na qual se revela o nome do pai:

Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o da minha avó era Joana. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele só tinha um terno de roupas. Quando ele lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa secar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão que não precisamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.

À vista disso, percebemos, durante a leitura dos registros pessoais de Carolina, que as pessoas mais importantes para ela eram sua mãe, apesar da relação passar por situações conflituosas, e seu avô materno, Benedito José da Silva, a quem recorria para pedir conselhos e a quem prestava grande admiração e devoção: “era um preto alto e calmo. Resignado com o soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje” (JESUS, 1986, p. 7). Contador de histórias, zelador da tradição oral, senhor

Benedito era um homem muito querido pela comunidade, conhecido carinhosamente como o “Sócrates africano” e uma grande influência na vida da autora. Como notamos nos seguintes excertos:

Eu não tive ninguém para guiar-me nessa vida. O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô: – Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidades de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nos depositam confiança. Quando você entrar numa casa, deixe boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão comprando suas passagens para o inferno (JESUS, 1986, p. 197).

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio (JESUS, 1986, p. 58).

O senhor Benedito revelou muito à Carolina sobre a época em que viveu como escravo; alguns dos princípios, valores, educação e informações sobre suas raízes culturais, as quais passava aos seus netos. Essas informações foram de extrema importância para a solidificação de uma memória cultural, especialmente na autora Carolina Maria de Jesus que, mais tarde, escreveria sobre o que aprendeu com seu avô enquanto conviveu com ele; até 1927, quando o perdeu devido a problemas nos rins.

Dessa forma, antes de iniciar seus escritos, aprendeu a ler e a se apaixonar por essa atividade. O primeiro livro que leu e que, de certa forma, a marcou e a emocionou foi sobre a escravidão e, também por influência do seu avô, decidiu se aprofundar nos estudos sobre o assunto. No trecho de *Diário de Bitita* (1986), Carolina demonstra sentimentos positivos ao aprender a ler e o quanto compreendeu bem a história retratada pelo romance no período escravocrata, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.

Li: “Farmácia Modelo”. Fui correndo para a casa. Entrei como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

- O que é isto? Está ficando louca?

- Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance “Escrava Isaura”. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava (JESUS, 1986, p. 126).

Na década de 1920, portanto, a futura escritora aprende a ler e a escrever, com a sua professora, dona Lonita Solvina, a quem muito apreciava. Ela iniciou seus estudos no Colégio Allan Kardec. A dona Maria Leite Monteiro de Barros, uma das senhoras para quem sua mãe

lavava roupas, incentivou e sustentou os estudos de Carolina que, por sua vez, não concluiu, frequentando a escola por dois anos, apenas as séries iniciais.

A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e a escrever e não vai ter tempo disponível para mamar, porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!

Fiquei furiosa e respondi com insolência:

– O meu nome é Bitita.

– O teu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome (JESUS, 1986, p. 124).

Foi nesse colégio, através de uma pessoa que admirava, que Bitita escutou seu nome pela primeira vez. Segundo a biografia em Farias (2018), “bitita” é uma palavra da língua xichangana, falada em Moçambique e advém de “mbita” ou “bita”, que significa algo vindo do barro em que a cor é prata ou ocre – barro cor de bitita. Ainda Farias (2018), Carolina, moldada nesse barro que originou toda sua família, tinha tudo para seguir um caminho forjado para a subserviência, mas teve coragem e determinação para escrever seu verdadeiro nome e ser protagonista em sua história e em suas “histórias”.

Apesar de interromper os estudos no colégio, por sua mãe ter aceitado ir para o campo, em Lajeado, Minas Gerais, com José Romualdo, seu novo relacionamento, para trabalharem como lavradores; o entusiasmo de Carolina pelo mundo da escrita só ascendeu. A pequena leitora passou a admirar a vida silenciosa do campo, principalmente por conseguir estreitar os laços com sua mãe nessa época. Próxima à natureza, nessa nova vida, encontrava lirismo, poesia e material para, futuramente, acrescentar e inspirar a suas obras. Todavia, por conta de dívidas, logo resolveram voltar para Sacramento. Constatamos como a autora se atraía pelos deleites que a vida rural fornecia a ela e como a comida era farta e o silêncio a tranquilizava:

Eu estava enamoradíssima da nova vida. Estava desligando-me da compra de quilos de arroz e familiarizando-me com os sacos de cem quilos e com o paiol. Todos tinham possibilidades para fazer doces. Mamãe fazia arroz-doce com leite puro. Eu comia. Ela perguntava: - Quer mais? Aquele quer mais, ficava eclodindo no meu cérebro. Ganhávamos o leite, o açúcar. O arroz nós plantávamos. Que tranquilidade, não tinha a polícia nos nossos calcanhares. Que silêncio para dormir! (JESUS, 1986, p. 131).

Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando a mamãe torrava farinha. A água acionando o monjolo. Quando fazíamos o pão, com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Sentia saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o Maçarico. O amanhã não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa (JESUS, 1986, p. 137).

De volta a Sacramento, a jovem passou a trabalhar como doméstica para não precisar pedir dinheiro à mãe e ao padrasto. No entanto, em busca de novas oportunidades de emprego,

mudou-se para Ribeirão Preto, Orlândia, Franca... Nos lares onde trabalhou como doméstica e cozinheira, teve contato com a leitura, sua paixão. Leu livros como *Os Lusíadas*, de Camões (1572), livros de Santa Teresinha e de Santo Antônio, livros de História, e lia sempre acompanhada de um dicionário para aprender novas palavras e significados. Sua vida, entretanto, sofre uma definitiva mudança após a morte de sua mãe, em 1937. Decide-se por morar em São Paulo (SP) e ali construir seu futuro, não retornando a Minas Gerais.

2.2 Apresentação como uma célebre escritora

Carolina sofreu a perda da mãe, em 1937, e decidiu se mudar para São Paulo para trabalhar na casa de uma professora. O emprego, no entanto, passou por desacordos nos combinados trabalhistas, o que a fez abandoná-lo. Depois do episódio, tornou-se empregada numa fábrica, decidindo, portanto, permanecer na metrópole, onde ficou o restante da vida.

Em 1940, surgem os primeiros registros de Carolina Maria de Jesus. No dia 25 de fevereiro, o jornalista Willy Aureli, do jornal *Folha da Manhã*, apresenta-a como “poetisa preta”, publicando seu primeiro poema e fazendo uma profecia sobre ela: “É possível que ainda se torne célebre...”² Aureli (1940 apud XIMENES, 2020). No Anexo A, encontram-se a reprodução da matéria, com as marcas de preconceito explícitas que caracterizavam a época. Willy Aureli não foi o primeiro a denominar Carolina como poetisa. O senhor Eurípedes de Barsanulfo, médium de Sacramento e uma das pessoas mais importantes da cidade, também profetizou sobre o futuro dela e ensinou a mãe a chamá-la assim. Esta era a palavra-destino da jovem:

Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até os vinte anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu (JESUS, 1986, p. 71).

Além disso, inferimos que o primeiro registro publicado da autora, o poema “O colono e o fazendeiro” (cf. ANEXO A), apresenta em seu conteúdo informações que estiveram presentes na trajetória de Carolina até o momento, como, por exemplo, a escravidão, elemento de sua memória cultural. A autora leu muito sobre a história do Brasil e, como já mencionado, decidiu ler tudo que se tratasse de escravidão. As histórias do seu avô sobre o tempo de escravo também contribuíram para a formação de sua cognição. Em seus versos, destacam-se a dificuldade de um ex-escravo conseguir seu sustento. Carolina presenciou essa consideração de

² Disponível em: <https://medium.com/@sergiobximenes/a-entrevista-prof%C3%A9tica-de-willy-aureli-com-carolina-maria-de-jesus-em-1940-142d9264fce3>. Acesso em: 03 nov. 2021.

perto convivendo com o senhor Benedito, o “Sócrates africano” e a pobreza, que a cercava desde criança – “Quando a mamãe me batia eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhantes às ocas de índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre!” (JESUS, 1986, p. 25).

Mesmo não tendo vivido a época, Carolina colhia as agruras do período escravocrata. Chegou a pé a São Paulo e, na cidade, teve seu primeiro filho, João José de Jesus, nascido de um relacionamento com um marinheiro português, que acabou os abandonando. Esse episódio na vida da escritora fez as dificuldades financeiras aumentarem cada vez mais. Segundo sua filha Vera Eunice (2015), foi um político que reuniu a população pobre da cidade de São Paulo e os levou para a favela do Canindé. Na favela, Carolina construiu sua casa usando papelão, lata e madeira; e saía à noite para catar e vender papel para garantir o sustento dela e de sua família. Foi coletando papel que encontrou folhas para criar e escrever suas inspirações.

Ela veio a pé. Primeiro, conseguiu emprego como doméstica, mas depois precisou ficar na rua com o nascimento do primeiro filho. Ela ficava na rua e era para vir um político famoso, então pegaram todos os pobres que estavam aí, colocaram em um caminhão e mandaram para o Canindé. Conseguiu umas madeiras e fez o barraco. Ela mesmo carregou na cabeça. Carolina falava que toda a força da vida dela vinha da cabeça, tanto para escrever, quanto para carregar o saco de papel (EUNICE, 2015, p. 1).

Depois de instalada na comunidade, relacionou-se com um espanhol e, desse contato, nasceu seu segundo filho, José Carlos de Jesus. Aquele também logo os abandonou. Em 1953, nasce Vera Eunice, que foi fruto de um relacionamento de Carolina com um comerciante e dono de fábrica. Carolina nunca foi casada; tinha apenas concubinos e pouco se sabe sobre eles. Sendo assim, foi ela que sempre foi atrás, sozinha, de todo o sustento para seus filhos. Em busca de novas oportunidades, idealizava quem pudesse publicar seus textos e quem a aceitasse como escritora. Foi assim que, em 1950, conseguiu a publicação de seu poema em homenagem a Getúlio Vargas, no interior de uma reportagem, no jornal *O defensor*, no dia 17 de junho.

Através desses versos, ela demonstra seu interesse e o entendimento sobre a política da época. A autora manifestava apreço pelo político Getúlio Vargas e o lembra como um bom representante para a nação. Segundo Jesus (1994), Getúlio foi o primeiro político para o qual torceu, pois foi o “pai dos pobres” até sua morte, por isso o louvor encontrado no poema. Foi a partir desse momento que começa a ser conhecida pelo mercado editorial.

2.3 Ascensão e apontamentos acerca da recepção na mídia

Diante da miséria e da fome, Carolina encontra um refúgio, um lugar em que poderia “viver sonhando”, reescrever, reinventar e registrar a sua realidade. Nesse lugar, ela começa a escrever suas reflexões acerca do seu dia a dia, do mundo e do contexto em que vivia.

Em 1955, portanto, a escritora inicia um diário com declarações sobre a árdua vida na favela. Uma obra que mudaria sua vida: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960). Não obstante, ela precisava fazer com que essa produção chegasse à mídia e sabia o quanto isso era difícil. Além da publicação, desejava, também, ganhar dinheiro com suas produções, sair da favela e mudar de vida, dando melhores condições a sua família.

Dessa forma, ela encontrou uma oportunidade ao se deparar com um repórter e fotógrafo, do extinto jornal *Folha da Noite*, Audálio Dantas, que preparava uma matéria sobre a expansão de uma favela no bairro Canindé. Carolina logo tratou de se encontrar com ele para lhe mostrar seus inúmeros escritos, dentre eles, o diário.

Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte e sete cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de *dentro* da favela (DANTAS, 2014, p. 2).

Carolina de Jesus era arguciosa e o repórter viu na história da autora um grande material para publicação no jornal. Para ele, não havia ninguém melhor que alguém que morasse em uma favela contando sobre a vida na favela. Assim que Audálio teve acesso aos escritos, decidiu publicar trechos no *Folha da Noite*, em 1958. No Anexo C, encontra-se a matéria do repórter sobre a autora. Destacamos nesta, alguns trechos legíveis que se encontram na reportagem de Audálio Dantas, do dia 9 de maio de 1958, nas laterais da página.

A matéria do repórter divulga Carolina, mas, ainda assim, faltavam estratégias para a ascensão da popularidade da autora. Mais tarde, no dia 20 de junho de 1959, a revista *O Cruzeiro* publica uma reportagem sobre ela, e esta, de fato, revela-a para o Brasil, dando destaque à autora e à sua produção. O Anexo E e o Anexo F trazem, respectivamente, a matéria e sua reprodução transcrita.

A partir dessa reportagem, observamos que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) foi um dos receptáculos nos quais Carolina Maria de Jesus guardou suas memórias. A linguagem é o mecanismo para a autora organizar e armazenar seus fatos. Além disso, o diário se tornou um espaço privilegiado de Carolina para a construção de si, do espaço onde vivia (uma favela) e para a denúncia social do seu contexto.

Desse modo, no ano seguinte, em 1960, no dia 19 de agosto, a livraria Francisco Alves publicou o diário, intitulando-o como *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A primeira edição do livro rendeu milhares de exemplares, tornando-se um estrondoso sucesso, tanto nacional quanto internacionalmente.

Essa fama se deu principalmente porque Carolina conseguia tirar literatura da sua realidade, e era através do seu amor por aquela que a autora combatia e refletia sobre as desigualdades dessa. Esse amor também a tornou uma das maiores referências da literatura periférica do país. No Anexo G, encontra-se uma sequência de reportagens com transcrições de algumas que, cronologicamente, mostram os caminhos da escritora após a publicação do livro.

Em certos momentos, os aspectos socioculturais se sobressaem em detrimento da estética da obra; e, por vezes, a autora enfrentou muito preconceito acerca de sua literatura, por se tratar de um diário com denúncia social bem como pelo fato de ser quem era: mulher, negra³, pobre e favelada. A realidade da escritora nunca deixou de ser difícil, ela sempre teve que lidar com as diversas formas do preconceito: social, linguístico, racial...

Por muito tempo, a crítica questionou se sua produção poderia ser considerada literatura, principalmente, quando se tratava do modelo de padrões linguísticos presentes em seus escritos. Eles contrariavam as expectativas de leitores e críticos da época, habituados à leitura de obras que não denunciavam, de dentro, as misérias do país, como as que aparecem nas narrativas de Carolina. Os registros de situações vividas se tornam como um documento que aborda aspectos importantes para a leitura de uma sociedade conhecida por poucos, aquela que é contada pelos subalternos.

Podemos confirmar essas considerações a partir da recepção negativa da escrita da autora, comentada por Mauricio Loreiro Gama, em 1960, no jornal *Correio Paulistano*, que defende o primeiro livro publicado da autora (cf. ANEXO B), descrevendo-o como um grande livro, mesmo que sua leitura não seja agradável. Gama (1960) considera que o que a autora escreve pode incomodar, principalmente, àqueles que não passavam o que a comunidade de uma favela passava. Por fim, provoca convidando a elite a se sentir envergonhada e a ser menos egoísta.

Com todas as provocações propostas pela narrativa, uma obra como *Quarto de Despejo* (1960) só poderia ganhar ainda mais espaço na sociedade e, no ano seguinte do seu primeiro lançamento, ganhou uma adaptação para o teatro, com estreia no dia 27 de abril de 1961, no

³ Optou-se por usar “negro” e suas flexões em função do sentido adquirido pelo termo com o movimento *Black Power*, que o transformou “numa expressão confiante de uma identidade afirmativa de grupo” (BRAH, 2006, p. 333).

Teatro Bela Vista, em São Paulo, com direção de Amir Haddad e adaptação de Edy Lima. O elenco contou com cerca de quarenta atores, tendo Ruth de Souza interpretando o papel de Carolina.

Esse resultado já era esperado pela autora, pois ela sabia o impacto e a força que sua criação iria ter. Ainda escrevendo o diário, ela acreditava que ele seria um objeto de sucesso e um instrumento importante para que muitos conhecessem suas denúncias através da manifestação da sua realidade na escrita. Prova disso é que a moradora da favela do Canindé ameaçava alguns vizinhos com seu livro:

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:
 – Que crianças mal iducadas!
 Eu digo:
 – Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que se passa. E tudo que vocês fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fortalece os argumentos (JESUS, 2014, p. 20).

Por conta dessa relação conflituosa com seus vizinhos, Carolina não era de muitos amigos no Canindé. Ao sair da favela, para morar nos fundos da casa de um amigo, em Osasco – SP, após a publicação de *Quarto de despejo* (1960), seus vizinhos não comemoraram seu sucesso e não compartilharam da realização da autora na sua despedida da comunidade. Devido à exposição deles no livro, alguns moradores apedrejaram Carolina e seus três filhos na saída (cf. ANEXO H).

Carolina odiava a vida na favela e ao que ela e seus filhos eram submetidos para sobreviver naquele lugar. O diário, portanto, foi o meio que a possibilitou reescrever sua história, pois a autora via na literatura não só uma oportunidade de exercer a escrita, mas também uma chance de alcançar melhores condições de vida, ascensão social para ela e seus três filhos. Sua criação literária foi fruto de muita coragem, originalidade, opinião crítica, talento e dedicação, o que culminou em sua existência no universo literário. Todavia, a experiência do sucesso não durou muito tempo, Carolina de Jesus viveu apenas os seus “quinze minutos de fama”.

2.4 A queda de Carolina e sua repercussão midiática

Ainda em 1960, Carolina foi homenageada pela Academia Paulista de Letras e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. No ano de 1961, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, seu segundo livro, é publicado, também pela livraria Francisco Alves. Com o dinheiro dos direitos autorais do *Quarto de despejo* (1960), Carolina se mudou

para um sobrado na esquina de Santana e decidiu escrever sobre essa nova vida, intitulado a criação como *Casa de Alvenaria* (1961):

Casa de Alvenaria é, na forma, o mesmo que o diário escrito na favela do Canindé; na essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo – o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina. Casa de Alvenaria é depoimento tão importante quanto “Quarto de Despejo”, mesmo sem o tom dramático da miséria favelada (DANTAS, 1961, p. 1).

Desta vez, Carolina se encontrava receosa para a nova publicação. Nesse exemplar, ela não deixou de denunciar a outra face do Brasil experienciada na nova vida. O sucesso, entretanto, não foi o mesmo de *Quarto de despejo* (1960), trazendo baixos lucros para a escritora. Sua fama já não era mais como antes. Por conta disso, as futuras obras da autora foram publicadas por conta própria e, também, sem prestígio. Ela era uma autora observadora e, por isso, incomodava a muitos que esbarravam com seus registros. A própria Carolina não se sentia tranquila ao escrever a sua verdade vivida, mas não deixava de fazê-lo, não era impelida pelo medo ou por rejeição:

Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. (...) Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada... (JESUS, 1961, p. 83).

Além disso, Carolina também tinha o sonho de ser cantora e, por isso, aventurou-se na área musical: lançou um disco, *Cantando*, com suas próprias composições; este já sem nenhum sucesso. Em seguida, no ano de 1963, publica *Pedaços da fome*, um romance, com apresentação de Eduardo de Oliveira. No entanto, ele é recebido com indiferença pela imprensa e pelo público, bem como sua próxima edição, *Provérbios* (1965), sem nenhuma repercussão.

Com o retorno das dificuldades, ela volta a catar papel para seu sustento (cf. ANEXO D). Mesmo empobrecida, consegue comprar um sítio em Parelheiros, distrito na zona sul do município de São Paulo, onde construiu sua casa e plantava para alimentar a si e a seus filhos. Em 1966, chega a vender a casa de alvenaria em São Paulo. O Anexo I traz registros do momento da queda da fama de Carolina no Brasil.

Em 1972, a autora anuncia a elaboração de um novo livro *O Brasil para os brasileiros*, que também não ganha destaque, e ainda é ridicularizado pela imprensa. Esse livro, futuramente, teria parte editada para se tornar outro, *Diário de Bitita* (1986). Três anos depois da ridicularização, um curta-metragem sobre sua vida é produzido, *Despertar de um sonho*, com direção de Gerson Tavares, porém, a obra cinematográfica é proibida de ser exibida no

Brasil. Carolina Maria de Jesus viveu até seus 63 anos e morreu no dia 13 de fevereiro de 1977, em decorrência de uma crise asmática. Ela morreu esquecida pelo mercado editorial.

3. O UNIVERSO LITERÁRIO DE CAROLINA

“Quero Carolina Maria de Jesus como uma literata”.

Vera Eunice de Jesus⁴

O estilo que Carolina Maria de Jesus utilizava em sua escrita apresenta marcas de sua realidade, bem como suas lembranças de opressão e submissão refletem a sociedade da época. A autora se torna dona da história apresentada, e, em suas obras, busca uma forma de autorrepresentação, expondo seu eu enunciativo em um contexto de pobreza e desolação.

Seus escritos representam o ensejo de se ouvir sua voz. Sua bibliografia se compõe de poesias, composições, contos, romances e diários, formando uma considerável produção literária. Sendo assim, destacaremos aqui trechos de alguns de seus textos, de diferentes gêneros que demonstram seu estilo e como se apresenta seu íntimo literário.

3.1 Quarto de despejo: diário de uma favelada

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) foi o primeiro de Carolina Maria de Jesus publicado. Foi um sucesso de vendas e de popularidade. As pessoas queriam conhecer a história da favelada que escrevia, com exatidão, sobre a vida na favela. No diário, a autora recolheu fragmentos do seu dia a dia e previu a publicação dos acontecimentos da sua vida pessoal.

Sobre a obra, Queiroz (1961, p. 82, tradução nossa) escreveu:

Fragmentos do cotidiano de uma vida humana, sem disfarces nem enfeites, depoimento cuja verdade se pode confiar porque não se destinava a olhos estranhos. Sim, o que choca e impressiona e nos vai direto ao coração num livro como o de Carolina é a sua autenticidade palpitante, e aquele gosto cru de vida ao natural, aquela sensação de contato com matéria-prima, em vez de produto manufaturado. (...) Anotando dia a dia os fatos e os comentários que lhe são sugeridos por aquela vida que a gente só imagina, mas nenhum de nós conhece no seu brutal realismo, Carolina consegue suscitar as reações mais diversas em cada leitor. O diário de Carolina é uma ponta de fogo que vai ao ponto fraco de cada consciência, ou à paixão de cada coração. É Dom Helder que se comove até as lágrimas, e vê naquelas páginas, explicadas e justificadas, as suas intuições de santo; é o burguês milionário que se assusta ao descobrir em que alicerces de sofrimento e ira mal contida se fundamenta a sua riqueza.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a-hs5HUYdwQ>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Dessa forma, Carolina criou sua tessitura fazendo reflexões acerca do momento da escrita, reunindo fatos de um mesmo dia, bem como reflexões dos momentos passados. A obra apresenta a datação que a autora colocara em seu diário, iniciando em 15 de julho de 1955 e indo até o dia 28 de julho do mesmo ano; em seguida, reinicia-o em 2 de maio de 1958, afirmando que, por certo tempo, ela própria perdera a credibilidade da escrita.

2 de maio de 1958 – Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e que era perda de tempo. Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operários (JESUS, 2014, p. 28)⁵.

Seu diário era um objeto de autoconhecimento e de formação da sua identidade. Segundo Bonomo (2015, p. 13), escrever, para Carolina, era um ato de sobrevivência:

O ato de escrever, vivido por Carolina quase que diariamente, é muito mais uma questão de sobrevivência (material e psíquica) do que de uma autodescoberta. (...) Os conflitos experimentados e relatados pela autora, portanto, nos escancaram vozes e vivências marginalizadas, silenciadas. As mulheres de *Quarto de despejo* (1960) ainda são as mesmas das favelas de hoje.

O que Carolina apresenta em sua narrativa é o que ela pode considerar como memórias dignas de serem conservadas e, mesmo que com caráter íntimo, serem reveladas às pessoas. Carolina não escreve para alguém específico; por vezes, escreve para si própria e, ali, narra os fatos como deseja. Forma, conteúdo, revelações e ocultamentos podem ser produtos do “querer” dessa autora; por isso há a predominância do elemento subjetivo.

Mesmo que a vida de uma pessoa contada por ela mesma ganhe uma grande credibilidade, é importante ressaltar também que os relatos de sua vida marginalizada em luta pela sobrevivência podem estar selecionados e organizados, por ela e/ou pelos editores da publicação. Ela escolhe o que deseja contar e essa seleção não acontece de forma arbitrária; é movida por intensões, e, com isso, destaca-se a intensão de dialogar com o leitor e levá-lo à reflexão crítica sobre uma vivência que pode ser diferente da qual ele está inserido, e a intensão de conseguir melhores condições sociais a partir do seu testemunho. Como ressalta Márquez (2003, p. 4), “a vida não é o que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.

Carolina de Jesus escolheu materializar as memórias dessa forma, justamente, para destacar “seu mundo”, escolheu um gênero – o diário – que, para alguns estudiosos do meio literário, é considerado “da margem”. Stiénon (2009 *apud* MOREIRA, 2019) pondera que o

⁵ As citações da obra neste trabalho respeitam fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática.

diário, já há um século e meio, é soterrado sob epítetos difamatórios, tratado sucessivamente de nocivo, sem valor, artificial, preguiçoso, prolixo, narcísico, fracassado... Moisés (1999), entretanto, defende que muitos escritores férteis se aproveitam daquilo que mais lhes serve como fonte de inspiração, suas experiências diárias, variadas e múltiplas, as quais extravasam a ponto de requererem um espaço próprio. E, valendo-se de Saramago (1997, p. 355 *apud* MOISÉS, 1999, p. 1), ele destaca que:

(...) o autor tinha plena consciência do artefato que lhe saía das mãos, dizem nitidamente as palavras de abertura a toda a série. E dum tal modo que praticamente funcionam como guia ao navegante que se lança nas suas ondas. Diz ele: “Escrever um diário é como olhar-se num espelho de confiança, adestrado a transformar em beleza a simples boa aparência ou, no pior dos casos, a tornar suportável a máxima fealdade. Ninguém escreve um diário para dizer quem é. Por outras palavras, um diário é um romance com uma só personagem.” De onde ter ele sentido “a necessidade de juntar aos sinais que me identificam um certo olhar sobre mim mesmo. O olhar do espelho”.

Tornar suportável a máxima fealdade era um dos objetivos de Carolina ao escrever. Usava a fantasia para auxiliá-la a sustentar e sobreviver à realidade. É o que notamos na seguinte afirmação:

Eu deixei o leito às três da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários (JESUS, 2014, p. 58-60).

De leitura difícil por nos apresentar uma realidade cruel, o lirismo de *Quarto de despejo* se apresenta, sobretudo, quando a autora trata do espaço, seja ele a natureza, seja ele distinto nas tipologias favela/centro. Ao se tratar da natureza, especialmente, Carolina sempre a representa de forma terna e acolhedora, como, por exemplo, em Jesus (2014, p. 30-35):

Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos... O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia.

(...)

A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.

(...)

Contemplava extasiada o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria (...).

Em nossa leitura, observamos que quando ela se expressava sobre a natureza, o seu foco era o céu. Nossa suposição é que esse feito pode ser justificado por Carolina estar cercada por um ambiente hediondo: a favela. Olhar em volta poderia ser difícil para ela, poderia ser difícil criar algo aprazível com a miséria que a cercava. Ao olhar para cima, ela encontrava refúgio, lirismo e beleza. Quando o céu está azul é uma homenagem às mães pelo seu dia (Dia das Mães) e, em especial às mães que vivem na miséria como Carolina e, nesse cenário, encontram dificuldades na criação dos filhos. A natureza lhe traz as homenagens que a sua condição de vida não lhe oferecia.

Sua exaltação pela natureza também se evidencia por suas aparições com letra maiúscula – Natureza –, uma marca de destaque em seus escritos. Existe uma relação fraternal com esse mundo, uma interação de sensibilidade que dificilmente encontrava na rigidez das suas relações interpessoais – “As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Patria”. Utilizando-se de figuras de linguagem como a metaforização – “O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” – ela constrói seu estilo lírico. Sobre o lirismo, Mário de Andrade aponta uma significativa reflexão, na carta datada de 2 de janeiro de 1933 a Oneyda Alvarenga:

Lirismo é um fenômeno psíquico que toda a gente mais ou menos tem (...). Lirismo tanto pode dar poesia como pode dar prosa (...). O operário que voltando do trabalho vê num jardim ricaço uma rosa pegável e a arranca e a põe no paletó pra se enfeitar, sentiu e aceitou um fato de lirismo individualista. (...) Lirismo é um fenômeno psicológico. Poesia é uma arte, quero dizer, uma construção humana, um fruto da vontade humana, uma criação dependente. Ao passo que o lirismo independe de nós (ANDRADE, 1983, p. 38-40).

Nas trivialidades do cotidiano, podemos encontrar o lirismo. E era o que a autora fazia. Notamos uma linguagem poética presente nos enunciados, com um lirismo que preenche os intervalos do discurso social. Como pode ser observado em Jesus (2014, p. 44):

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes, As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços quando vamos fazer as compras. Ofusca toda as belezas que existe.

O título *Quarto de despejo* faz alusão à metáfora que a autora realiza em uma passagem do livro, na qual se utiliza de um espaço – uma casa – para expor suas reflexões sobre a desigualdade e a invisibilidade social. Os melhores cômodos dessa casa, lugares ornados com grande requinte, seriam, portanto, o centro de São Paulo, com moradores burgueses, da elite social à época. E o pior cômodo, um local onde se despeja todo entulho, o resto, o inútil – “tenho

a impressão que sou um objeto fora de uso” (JESUS, 2014, p. 37) – seria a favela, lugar onde viveriam os esquecidos e ignorados pela sociedade.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando-o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p. 37).

De acordo com Moisés (1974), a natureza lírica se define por conter uma experiência mental perante a realidade do mundo. Carolina cria uma expressão linguística que mesmo num meio hostil, ultrapassa seu “eu”, seu exterior, seus impulsos, sentimentos e emoções, realizando, desse modo, sua criação poética.

A natureza da lírica não se dimensiona pelo recurso ao soneto, à ode, à balada, à elegia, etc. (...). Em suma: deve procurar o elemento diferenciador da lírica naquilo que se comunica por meio dessas fôrmas, num tipo de conteúdo que se exprime através dos meios disponíveis. Deste modo, um soneto será lírico não porque soneto (...), mas por conter uma dada experiência mental perante a realidade do mundo. (...) E quando ocorre de o poeta ultrapassar o círculo estreito do seu “eu”, os objetos do mundo exterior tornam-se apenas o esteio, o fundamento, o impulso de onde nascem os sentimentos, as emoções, as reflexões, as opiniões (MOISÉS, 1974, p. 307-308).

Além disso, há uma seleção lexical mais rebuscada em certos momentos, o que inferimos ser resultado de sua prática de leitura. Retirava essas palavras dos livros que lia, buscava seus significados no dicionário e as inseria na sua realidade semântica e social, mesclando o formal com coloquialismos. Segundo Fernandez (2008), essa combinação de reutilização das palavras advém de uma imposição fixada na história de nossa literatura.

Sua escrita é formulada por um constante deslocamento de linguagens, de modo a gerar uma coexistência de diferenças que, nesse ponto, vem a transformar a prática literária, dando-lhe nova dimensão. Pressupomos que o desacordo da língua, nessa obra, foi suscitado num fazer ruidoso do conjunto de códigos da arte escrita, como resposta a uma imposição fixada na história de nossa literatura. Assim, a inovação da escrita caroliniana insere-se na ruptura e na dessacralização dos modos convencionais de representação da cultura burguesa (FERNANDEZ, 2008, p. 129).

Duarte, Côrtes e Pereira (2018) afirmam que *Quarto de despejo*, no que se refere às obras de testemunho brasileiras, foi muito importante, em especial, pela condição de Carolina Maria de Jesus, pois quebrou o paradigma da Literatura pertencer somente a uma elite branca. Para Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus escrevia “de verdade” e Carlos Drummond de Andrade a considerou “a mais necessária e visceral flor do lodo”. Manuel Bandeira (2014) afirma que a linguagem de Carolina e seu modo de sentir não poderiam ser imitáveis. Além

disso, cabe destacar alguns versos do poema *Evocação do Recife*, de Bandeira (1993, p. 133-136), sobre a linguagem “do povo”, que compreende algumas escolhas lexicais de Carolina:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada...

A linguagem utilizada por Carolina é o que Bandeira (1993) chama de “língua certa do povo”, a que modifica a Língua Portuguesa recebida dos portugueses com marcas que explicitam o cotidiano do brasileiro, marcas de oralidade. Estas, no entanto, não impedem a compreensão, pois a cultura nos aproxima do que está escrito. Isso acontece em todos os gêneros criados pela autora, como também em *Pedaços da fome*, seu primeiro romance publicado.

3.2 Pedaços da fome

O livro *Pedaços da fome* foi lançado em 1963, com apresentação de Eduardo Oliveira. Carolina Maria de Jesus assegurava que essa produção era mais forte do que *Quarto de despejo* (1960), pois nela havia mais críticas e mais material para debate. Todavia, seu novo livro foi recebido com indiferença pela imprensa. Dos seis romances que escreveu, publicou apenas este. Sua história foi escrita nos mesmos cadernos nos quais ela escrevia seu cotidiano. Essa mescla fez com que o enredo do romance fosse interrompido por diversas vezes, mas isso não a impediu de terminar a narrativa.

Pedaços da fome (1963) rompeu com a escrita diarística. A autora não desejava e não escreveu só diários. O fato dela ter ficado conhecida nacional e internacionalmente através do diário pode ter a “estigmatizado” como uma escritora de um único gênero textual. Suas tentativas de publicações de livros de poesias, romances, músicas não tiveram muita popularidade. Segundo Oliveira (1963, p. 12):

Seus dois anos incompletos de bancos escolares não lhe teria permitido escrever senão com a alma e o coração transidos de emoção e calor humanos. Carolina conserva a mesma forma de escrever dos seus diários: Sua palavra continua “tosca, mas admiravelmente clara”. O enredo é ingênuo, leve, correntio e o estilo é despido dos monumentos da retórica. Ainda assim, “Pedaços da fome” tem esse sopro de vida, traz lampejo de verossimilhança.

Sua escrita era acessível. Diferente de muitos autores que escreveram sobre a vida na favela e a dificuldade de ser pobre no Brasil, ela escreveu de “dentro”, isto é, por trás da sua

escrita, que por vezes ignorou a prescrição gramatical, havia vivência. Mas isso não foi o suficiente para a considerarem literata, pelo contrário, as origens de Carolina podem ter impedido essa consagração ainda em vida.

Dantas (2014, p. 3) já previa o impacto dos escritos da autora e, defendendo-a de críticas, afirmou que uma produção como a dela, forte e original, só podia causar muita controvérsia. Destarte, ele ressalta a importância de se mostrar uma narrativa que não é de ontem e sim de hoje para toda a sociedade. Lajolo (1984, p. 32) pode justificar o porquê do tamanho estranhamento em se ter o nome de Carolina Maria de Jesus ligado à Literatura:

Essa desconfiança de tudo o que não é escrito, ou de tudo que ao escrito acrescenta outros códigos, não nasce da azeda má vontade da crítica, não. É talvez, a marca de sua impotência para lidar com qualquer coisa que, ao contrário dela, não tenha raízes cultas e nobres.

Pedaços da fome (1963) é um romance que se aproxima muito da narrativa folhetinesca do século XIX, apresentando romantismo, idealização da mulher e do amor, atenção aos agentes moralizantes, como a família. Apresenta uma história de um relacionamento amoroso entre Maria Clara, a protagonista, e Paulo Lemes desde a sua origem. Maria Clara era rica, filha única de uma poderosa família do interior paulista, mulher branca, “uma boneca de porcelana” (JESUS, 1963, p. 22). Seu pai, o Coronel Pedro Fagundes era um homem bem-quisto por todos, íntegro, mas rígido em seus costumes; sua mãe, dona Virgínia, era paciente, boa mãe, boa esposa, boa dona de casa e boa cuidadora da família.

É interessante notar como Carolina escreve sobre a estrutura de uma boa família: um casal que se relaciona com respeito, uma senhora exemplar e uma filha inteligente. Uma família em que há abundância de recursos, um casal apaixonado, havendo grande admiração do homem pela mulher por atenta às necessidades do marido, da casa e da criação da filha. Em *Quarto de despejo* (1960), a autora opina sobre a formação familiar, confirmando esse ponto de vista presente no romance.

Fui no rio lavar roupa e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com educação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos (JESUS, 2014, p. 22).

Diferente do relacionamento que criara na ficção, Carolina viveu relacionamentos conturbados e escolheu não se casar. Ao seu redor, na favela, observava os casais formados (também bem diferentes dos que criava em suas histórias). Mulheres que sofriam violência doméstica, maridos frequentemente embriagados e que impediam a liberdade de suas esposas. Ela não vivia e encontrava pouco o que considerava uma união perfeita; encontrava, em seus escritos sim, famílias-modelo. Segundo Jesus (2014, p. 19):

A mulher da favela tem que mendiga e ainda apanha, parece tambor. De noite, enquanto elas pede socorro, eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2014, p. 19).

A autora também forma uma protagonista submissa a esse conceito familiar, e ao desejo do pai, mas somente até o momento em que ela encontra o amor de um homem. Maria Clara achava difícil ser filha de uma pessoa de destaque e que ganhava o título de uma “muralha” (JESUS, 1993, p. 22) por ser um coronel e isso impedia os rapazes da cidade de se aproximarem dela.

Maria Clara era riquíssima, nenhum jovem ousava aproximar-se dela com receio do Coronel Fagundes. O homem mais rico da Noroeste. As más línguas diziam que o coronel tinha jagunços. E era um homem malvado. Outros diziam que ele era bom igual ao pão. Mas o boato que predominava era o de homem malvado. E estes boatos pouco recomendáveis deixava o povo de sobreaviso (JESUS, 1993, p. 25).

Nesse contexto, a moça conhece Paulo e se apaixona. Ele, porém, mente, logo no primeiro encontro, sobre sua condição social, dizendo ser dentista, ter boa situação financeira e boa família, o que não condizia com a realidade. Com a mentira lhe auxiliando, o personagem consegue conquistar Maria – “Deitou-se e pegou um livro para ler. Mas não conseguiu concentrar-se na leitura. O seu pensamento parecia poeira agitada pelo vento, a presença de Paulo perturbava a sua mente” (JESUS, 1993, p. 37).

Desse modo, ele engana a moça e sua família. Casa-se e a leva para morar na cidade de São Paulo, onde toda verdade é revelada. Em um infeliz destino, Maria Clara se encontra casada com um impostor. Sem dinheiro, sem estudo, preguiçoso e miserável, Paulo transforma, negativamente, a vida da protagonista que “não conhecia as lutas da existência. Para ela as palavras sofrimento eram abstratas” (JESUS, 1993, p. 29).

Eles foram morar num bairro de casas coletivas, um cortiço. A jovem pensou em se separar e voltar para a casa dos pais, onde descobriu que era realmente feliz, mas, passiva, desiste e se acomoda na vida miserável que se encontrava no momento.

Maria Clara retirou os cabelos dos olhos e disse:
– Eu era muito ambiciosa! Eu queria ser feliz! Queria ser uma felizarda. Começo a compreender o mundo. Acho a vida tão sacrificada, principalmente a vida dos pobres. Eu pensava que a gente não sofria. Agora que perdi a ilusão sinto-me tão só e desalojada no mundo! Parece que eu sou um objeto que, onde é colocado, está sempre incomodando os outros (JESUS, 1993, p. 136).

Maria é obrigada a trabalhar e a aprender a fazer isso. Com a preguiça do marido, ela, sozinha, sustenta a casa. Depois da chegada dos filhos, as dificuldades aumentam. Os trabalhos como lavadeira, costureira, doméstica não os auxiliam tanto e começam a faltar os “gêneros

alimentícios” (expressão fortemente usada pela autora em suas diversas obras) para a família. Diante da luta contra a pobreza (a principal antagonista das histórias – fictícias ou não – de Carolina), eles decidem se mudar para uma favela. Miséria, conflitos, confusões, a mescla entre a noção do público e do privado, ausência de políticas públicas... Muito do que o casal se depara na favela é a realidade vivida e registrada (no diário) de Carolina: *Quarto de despejo* (1960).

Paulo saiu. Queria conhecer a favela e observar os habitantes que iam ser seus vizinhos. Viu uns homens amontoados e pobremente vestidos. Aproximou-se e cumprimentou-os. Palestraram longamente e nem viu que as horas iam passando. Era a primeira vez que ele falava e era ouvido. Ficou emocionado quando um homem disse-lhe: – Senhor Paulo.

Alguém lhe reconheceu. Alguém sem importância que não sabia quem era. Ali não existia classe. Todos eram iguais. Não havia preconceitos. Todos estavam conformado com a ironia do destino. Não viviam preocupados com o fantasma do aluguel. Cada um tratava como podia. Paulo infiltrando-se naquele núcleo, tinha a impressão que estava habitando outro planeta. Sentia-se bem plenamente ajustado aquela matilha de infelizes e desocupados. Não havia espionagem. Não lhe interrogavam para saber onde ele trabalhava. Bebia e cantava com os novos amigos (JESUS, 1993, p. 187).

A tristeza e a precariedade da vida só tiveram fim quando Maria reencontra seu pai, o Coronel. Seu caminho e o de seus filhos se refazem, e ela volta para o interior para viver com o pai e as crianças. Diferente da personagem, Carolina lutou para romper com um destino traçado a ela.

Mesmo numa obra ficcional, Carolina fala de si, mas fala também de um contexto comum a muitas pessoas. Fala da história de vários favelados, isto é, de uma realidade própria que pode ser apreendida para uma realidade coletiva. Essa ação de Carolina é uma forma de dar voz para escutarem não somente a ela, mas também a outros que, muitas vezes, não são escutados.

Sobre isso, Candido (2006) ressalta que a compreensão de uma obra literária ou artística se entende pelas circunstâncias históricas de sua composição. Por isso, a obra decorre do artista e de suas condições sociais que determinam a sua posição.

Pedaços da fome (1963) é um romance de enredo descomplicado, sem muitos desdobramentos na história. Com um demonstrativo de como é viver na pobreza, a autora defende o pobre e reivindica seus direitos escrevendo sobre a ausência do olhar e do fazer dos políticos para com eles. Através da antítese riqueza e pobreza, Carolina constrói uma narrativa com demasiado sentimentalismo romântico, principalmente por parte da personagem Paulo que, mesmo depois de perder a credibilidade com Maria Clara, continua a olhá-la com afeto.

A moça, entretanto, perdera o encantamento que mantinha quando solteira ao olhar para as mulheres apaixonadas da cidade do interior. A personagem já não se contentava mais com o

que Paulo lhe oferecia, material (que não era quase nada) e sentimentalmente. Por submissão, ela decide permanecer ao lado do marido (até o reencontro com seu pai), mesmo sendo infeliz.

Ele reconhecia que amava a esposa, mas não ousava acariciá-la livremente; não estavam unidos para uma palestra amigável. A presença de Maria Clara era-lhe um suplício. Ele queria acariciá-la, dar-lhe um abraço e um ósculo mas, ela não permitia. Quando seus olhares cruzavam ele desviava o olhar, como se ele fosse o seu pior inimigo (JESUS, 1993, p. 187).

O romance de Carolina apresenta os dramas humanos com seriedade e rigor, expressando, através de sua protagonista, sentimentos e angústia. Por meio desses aspectos, a autora proporciona ao leitor uma reflexão sobre todas as potencialidades do humano: o eu, o outro e o coletivo. Ela exprime, no conflito central, a dicotomia entre pobreza e riqueza, uma sucessão de fatos vinculados aos problemas nacionais, como questões sociais, políticas e culturais.

A escrita segue uma ordem cronológica, de forma contínua, inclusive sem a separação de capítulos ou tópicos. A trama não é complexa e as relações interpessoais das personagens não são muito elaboradas. Encontramos na narrativa uma séria de “furos de roteiro”, isto é, quando existem problemas no modo como a história é contada. Essa construção do texto leva o leitor a um trabalho extra de completar essas lacunas. Em sua prosa de ficção, com sentimentalismo exagerado e pieguice, aparecem, marcadamente, características melodramáticas. Segundo Arruda (2015, p. 80), o melodrama é:

gênero que remete à expressão popular, e com o romance-folhetim. O melodrama, de origem francesa, surgiu no Brasil no século XIX e permanece em várias formas dramáticas cultivadas ainda hoje no teatro, cinema, literatura e outras artes. (...) Sua estética moralizante é a principal característica que Carolina cultiva em sua prosa de ficção. Além desta, há ainda outras marcas, como a luta entre o bem e o mal, o chamado maniqueísmo, que termina com a vitória da virtude sobre a maldade.

De acordo Thomasseau (2005, p. 9), o melodrama vai além de um simples drama justamente por seu exacerbar, com personagens “derretendo-se em inutilidades sentimentais”, sem se ater, porém, a “regras da arte e do bom senso”. O que culmina, sempre, na vitória do bem sobre o mal, ou seja, no “triunfo (...) da virtude sobre o vício” (THOMASSEAU, 2005, p. 9).

Com isso, notamos que os escritos do romance *Pedaços da fome* (1963) podem ter se inspirado no estilo literário do Romantismo, havendo nessa criação características básicas do movimento. Algumas dessas características já foram citadas, mas outras – como a liberdade de criação, independente de regras e fruto de uma expressão pessoal; a idealização do amor, tema mais recorrente de uma obra romântica; exagero de temas românticos, como o pessimismo, o

tédio, subjetivismo e a melancolia – devem também ser aqui destacadas. Isso porque são marcas encontradas, especialmente, na segunda geração do Romantismo no Brasil.

O ultrarromantismo se distancia das ideias nacionalistas que eram inspiração para os autores da primeira geração, as personagens também podem carregar consigo o sentimento de serem vítimas do destino. Carolina Maria de Jesus já se mostrou leitora de autores do ultrarromantismo, como Casimiro de Abreu, um dos maiores escritores da geração romântica no Brasil, e que mereceu menção em *Quarto de despejo* (1960), ainda que em uma contraposição de Carolina:

(...) Troquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga” (JESUS, 2014, p. 35-36).

Depois que o sucesso arrefeceu, Carolina publicou, por conta própria, *Pedaços da fome* (1963), seu primeiro e último romance publicado em vida, pois foi um fracasso de vendas. Apesar disso, postumamente, vieram a público alguns textos que permaneceram inéditos, como seus poemas, reunidos e publicados por um dos críticos da autora, José Carlos Sebe Bom Meihy.

3.3 Antologia Pessoal

Depois de quase quarenta anos do sucesso de *Quarto de despejo* (1960), José Carlos Sebe Bom Meihy publica a *Antologia pessoal* de Carolina Maria de Jesus, no ano de 1996, pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O livro, com oitenta e sete poemas da autora, se constitui de variadas composições, com uma grande fração de textos inéditos guardados por sua filha, Vera Eunice de Jesus. Sobre a produção, Meihy (1996, p. 10) escreve:

Em face dos cânones sagrados da Literatura (com “L” maiúsculo), a qualidade de seus escritos é de uma pobreza estilística que faria arrepiar até mesmo os mais tolerantes críticos. Sem levar em consideração o contexto da produção da obra, a poesia de Carolina padecerá de lastimáveis comparações com os escritos dos autores consagrados não com os olhos de sua estrutura circunstancial e de seu código expressivo próprio.

Ainda segundo o autor, os poemas que encontramos na antologia são de “arremedos épicos, trágicos e simplisticamente líricos” (MEIHY, 1996, p. 11). Para Carolina, os poemas eram o que de melhor ela tinha para oferecer aos leitores e era o que mais gostava de escrever. Ela transformou os temas nos quais trabalhava na prosa em versos e rimas. Nos poemas evoca a infância, o afeto, a fé, política, o amor romântico. Trata-os com mais leveza do que quando tratou da pobreza no romance e no diário aqui comentados.

Seus versos não atraíram a atenção dos editores e jornalistas, provavelmente por não apresentarem as denúncias sociais como em *Quarto de despejo* (1960). Parecia que, a ela, estava reservado o direito de escrever apenas a dureza de uma realidade vivida e não a ficção, o direito de ser escrevinhadora e não escritora.

De simples e fácil entendimento, os poemas percorrem alguns assuntos centrais, como o amor romântico com acentuado exagero no sentimentalismo, o bucolismo, exaltando o meio ambiente e o meio rural, fé, infância e velhice, sobre ser poeta e sobre a poesia, nacionalismo, pobreza e prisão; sendo a grande maioria perpassada por profunda desilusão, tristeza e pessimismo. Todos esses sentimentos expressos com hipérbole.

Carolina converteu, em sua primeira publicação poética, o espaço emocional em espaço de poesia. Ela utiliza linguagem acompanhada de metáforas, subjetividade e de muita expressividade. Essa linguagem se aproxima do parnasianismo, mas a poetisa não acompanha os moldes clássicos para estruturar seus poemas. Sobre a forma deles, o que mais se destaca é o desalinhamento dos versos e estrofes. Deduzimos que esse aspecto demonstra o desejo da escritora de sair do óbvio, de se desalinhar e, até mesmo, buscar novos caminhos na forma de escrever. Ao lê-los, percebemos que é bem isso que a autora tenta criar. Os sujeitos poéticos dos poemas perpassam por homem, mulher, idosos, criança, sertanejos, Marias... São vários com várias histórias.

Os poemas de Carolina trazem muitas rimas, seguindo, em sua maioria, a classificação AABB e ABAB. Outros sistemas rítmicos, como ABBA, porém, também são encontrados em seus poemas. Sua tessitura poética não apresenta ritmo, sonoridade e/ou métrica. Os que abordam a Fé são como orações rimadas, como em *Presente* (JESUS, 1996, p. 68) ou *Súplica de um cego* (JESUS, 1996, p. 183). Os que tratam do amor, são de extrema pieguice – *Primeiro amor* (JESUS, 1996, p. 228) por exemplo – e são a maioria no livro. Quando escreve sobre o Brasil, demonstra admiração sobre o país – *Meu Brasil* (JESUS, 1996, p. 68) –, mas sobre a cidade de São Paulo, em um poema, a odeia – *Um caipira* (JESUS, 1996, p. 214) – e, em outro, a exalta – *Quadros* (JESUS, 1996, p. 197).

Em muitos versos também há um certo moralismo, nos quais ela dita regras e julgamentos acerca de algumas situações, como em *Noivas de Maio* (JESUS, 1996, p. 133), em que o eu-lírico aconselha acerca de como uma mulher deve se comportar na vida de casada, e no poema *O ébrio* (JESUS, 1996, p. 93), julgando pessoas que têm problemas com o alcoolismo. Ao escrever sobre maternidade, escreve de forma afável. A obra apresenta cerca de quatorze poemas sobre o tema; em alguns, o sujeito lírico é uma mãe dialogando com seu filho

– *Súplica de mãe* (JESUS, 1996, p. 77) por exemplo –; em outros, há um filho se declarando para a mãe – *Mamãe* (JESUS, 1996, p. 114) por exemplo.

Novamente, assim como em *Pedaços da fome* (1963), a antítese e a metáfora são as figuras predominantes. A obra apresenta poemas que se referem a morte e a vida – *Hipocrisia* (JESUS, 1996, p. 172) e *Vida* (JESUS, 1996, p. 234) por exemplo –; infância e velhice – *Reminiscências* (JESUS, 1996, p. 168) e *A velhice e a mocidade* (JESUS, 1996, p. 168) por exemplo –; e pobreza e riqueza – *Rico e pobre* (JESUS, 1996, p. 179) por exemplo. No que concerne à política, seus versos ganham títulos com os nomes dos governantes, sem tecer críticas, sempre os elogiando – *Dr. Ademar de Barros* (JESUS, 1996, p. 65), *Washington Luiz* (JESUS, 1996, p. 118), *Getúlio Vargas* (JESUS, 1996, p. 135), *Kennedy* (JESUS, 1996, p. 222) e *Dona Eleonor* (JESUS, 1996, p. 233).

Os eu-líricos dos poemas que versam sobre a vida do poeta, colocam-no, repetidamente, como um ser triste, pessimista e alguém que sofre. Iniciam, geralmente, com alguma pergunta sobre o estado dele, como em *Poeta* (JESUS, 1996, p. 91):

Poeta, em que medita?
Por que vives tão triste assim?

Ou em *Riso de poeta* (JESUS, 1996, p. 103) e *Por que chora?* (JESUS, 1996, p. 219):

Poeta, por que chora?
Que triste melancolia (JESUS, 1996, p. 103).
Poeta, por que chora?
É uma dor e uma saudade
Meus tempos de outrora
A minha felicidade (JESUS, 1996, p. 219).

Inferimos, por meio desses questionamentos, como Carolina constrói a imagem do poeta: um ser que pode escrever sobre variados assuntos, mas, evidentemente, um ser triste. Ou seja, ela, que se considera, desde pequena, poetisa, se coloca também como esse escritor melancólico.

Podemos observar, no quadro do Anexo J, os assuntos centrais que percorrem os poemas de Carolina, que se organizam em “conteúdos”, a quantidade de produções que os desenvolvem e as páginas deles no livro. Notamos também que alguns poemas apresentam mais de um assunto, por isso, se enquadram em mais de um tema.

Ao elencar os assuntos existentes nos versos de Carolina, deduzimos que o seu ato de criação poética tem um foco maior no espaço emocional. Sua escrita era carregada de emoção e sentimentos, e se inclina ao apelo *pathemico*.

A fim de definir as três formas da persuasão ou da argumentação, Aristóteles (2006) articula os conceitos de *ethos*, *logos* e *pathos*. O *ethos* é o apelo que o autor do discurso faz ao que ele é, isto é, a credibilidade do discurso se dá pela pessoa que faz o argumento, pois se baseia em confiar na opinião. O autor, então, tem, ou ao menos passa a imagem de ter, competência, reputação e autoridade no que se enuncia.

O *logos* é o apelo ao argumento lógico e pode se dividir em saber dedutivo e indutivo. É o *logos* que diferencia o ser humano do animal, pois o argumento se baseia no racional, na capacidade que o ser humano tem de distinguir, por exemplo, algo que é justo ou injusto.

Já o *pathos* é o apelo ao discurso emotivo, centra-se em emocionar o leitor. É essa forma que Carolina usa em seus poemas, utilizando-se de palavras e experiências amorosas que, por vezes, parecem ligadas às memórias e aos sentimentos, principalmente aos sofrimentos vividos no cotidiano, o que demonstra uma grande inquietação lírica. Essa forma convida um leitor que pode não ser especializado a se deixar impactar pelos escritos, já que a linguagem é leve e introspectiva.

Cabe destacar também a produção do poema *Quadros* (JESUS, 1996, p. 197), que é maior quando comparado aos outros presentes no livro, pois ele engloba praticamente todos os assuntos existentes na antologia. Por conta disso, o poema fica, por vezes, desconexo, gerando dúvidas se ele é completo ou se são vários poemas sem título e que foram unidos ao *Quadros* (JESUS, 1996, p. 197), já que a autora não conseguia manter uma certa organização em seus escritos.

Outro poema que se sobressai é o *Vidas* (JESUS, 1996, p. 234), que finaliza a seleção de suas poesias e nos revela uma junção de discursos, criada através do registro de leituras da autora. Sobre isso, Fernandez (2020, p. 1) ressalta que “sua obra está eivada de ligações que revelam sua poética de resíduos enquanto uma aglomeração de discursos como recurso de uma escrita que visa catalogar tudo que leu e viveu”. Nessa anotação de resíduos, especificamente, encontram-se nomes como Edgar Allan Poe, Luiz de Camões, Casimiro de Abreu, Sócrates, Euclides da Cunha e Gonçalves Dias, que no poema *O exilado* (JESUS, 1996, p. 160) é apresentado pelo eu-lírico com afeto:

O exilado

Eu não esqueço aquele dia:
A vez primeira que li
Era uma linda poesia
E a emoção que senti

Pobre poeta exilado
Na terra que não é sua

Sente saudades dos prados
Das nossas noites de lua.

Minha terra tem brilhante
Nosso céu é cor de anil
O poeta lá é mui distante
Tem saudades do Brasil.

O que fez o Gonçalves Dias
Para ser exilado?
Será que escrever poesias
É pecado?

O exilado (JESUS, 1996, p. 160) apresenta intertextualidade com a *Canção do exílio* (1843), de Gonçalves Dias, um poema de forte conteúdo nacionalista. Além de Carolina, inúmeros outros poetas brasileiros recuperaram o tema evocado, como Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Mário Quintana. Carolina relembra o poema original com admiração e favoritismo à obra do autor.

Mesmo com as dificuldades para figurar o cenário nacional diante dos obstáculos com relação à qualidade textual, Carolina foi uma importante autora brasileira. Ela apresentou uma produção inédita e original, especialmente na constituição da representação de uma realidade velada e desconhecida dos padrões estéticos definidos à época. Tudo isso leva ao reconhecimento do destaque de Carolina Maria de Jesus enquanto escritora, bem como a importância de sua obra para os estudos literários, para além de seu supressivo “*status*” social, determinado discriminadamente pela condição de negra, pobre, favelada e mulher.

4. MEMÓRIAS NOS REGISTROS DE CAROLINA

“– Ah! Comigo, o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”
(JESUS, 1986, p. 106).

Segundo a mitologia grega, Zeus, receoso de ser esquecido após a guerra com os Titãs e inquieto para comemorar a sua vitória sobre eles, relacionou-se com a titânide Mnemosine, que era a personificação da memória. Esse atributo de Mnemosine estava estritamente conectado ao poder da razão, fazendo com que muitos estudiosos a considerassem a primeira filósofa. Segundo o mito, ela pôde nomear muitos objetos e variados conceitos utilizados pelos seres humanos para se entenderem ao conversar. Com isso, a titânide permitiu que os mortais conseguissem reter o conhecimento e transmiti-lo oralmente.

De sua relação com Zeus, o deus dos deuses da mitologia grega, nasceram suas nove filhas: as musas do Olimpo. As musas se tornaram entidades responsáveis por inspirar a criação artística ou científica. O local onde viviam era um espaço de preservação das artes e da ciência e era chamado de *Museion*, orem da palavra “museu” atualmente utilizada. Os artistas afirmavam que as musas eram fonte de inspiração para suas criações. Cada uma delas era responsável por uma faculdade específica: Calíope, a musa da eloquência, da poesia épica; Clio, a musa da História; Erato, musa da poesia romântica; Euterpe, musa da música; Melpômene, musa da poesia trágica; Polimnia, a musa da poesia sacra; Terpsícore, musa da dança; Talia, musa da comédia; e Urânia, musa da astronomia e astrologia.

Nesse sentido, notamos que a relação entre a memória, a Literatura e a História é próxima e que elas estão intimamente ligadas há muitos anos. Todavia, segundo Ramos (2011, p. 96), “a possibilidade de pensar a memória como matéria comum à Literatura e à História não exclui a necessidade de destacar os limites entre as duas instâncias”. Para a autora, é importante reconhecer essas tenuidades para evitar seu simplismo crítico redutor. O discurso literário, por exemplo, permite uma maior autonomia e liberdade quando comparado ao histórico, justamente por apresentar a mescla dos enunciados e o tempo interno móvel. De acordo com Ramos (2011, p. 96):

Como suporte produtor de memórias, à literatura é permitido adivinhar os silêncios, os desvios e as lacunas, propositais ou não, da escrita historiográfica. Por apostar no dilema e no paradoxo, o discurso literário abdica da totalidade. Por isso, falhas e rasuras não podem ser vistas como “erros”, mas como instrumentos sem os quais o discurso literário não se construiria em sua ambiguidade e polissemia. Ao figurar a realidade, o

discurso literário “abre uma janela”, “salva um afogado”, na fala de Mário Quintana, ou seja: como potência de leitura do mundo, a escritura ficcional pode dar voz aos silenciados, aos vencidos e aos esquecidos pelo discurso hegemônico. Além disto, pode trazer à tona não só leituras compartilhadas do real (no sentido de aceitas como verdadeiras em um dado recorte temporal, espacial e social), como fazer emergir o imaginável, o possível e o impossível da “realidade”, pois por ser inconcebível em sua totalidade, a dúvida e a certeza a habitam.

Segundo Braga (2000), das muitas possibilidades de se pensar memória e literatura, destacam-se as relações entre o lembrar e o narrar. As palavras são os pedaços da memória que permanecem ou se desmantelam e que, juntamente com os sujeitos, “vão se constituindo nas práticas sociais, na teia do discurso” (BRAGA, 2000, p. 85). Para Halbwachs (1990), é a partir da linguagem que reconstruímos nosso passado, e usá-la é a condição para se ter um pensamento coletivo. Testemunhar os acontecimentos da vida pode ultrapassar a experiência subjetiva e se tornar uma prática social, auxiliando na construção da memória e da história de uma sociedade.

Sobre isso, Seligmann-Silva (2012, p. 103) afirma que:

O testemunho, como exercício de narrar e elaborar traumas sociais, na prática política (...) é uma tentativa de se escovar a história a contrapelo, abrindo espaço para aquilo que normalmente permanece esquecido, recalcado e legado a um segundo (ou último) plano.

Esse quadro de narrar e elaborar traumas sociais, para o autor, implica repensar a nossa visão da História, concluindo que existe uma memória seletiva. A memória e o esquecimento são complementares e um alimenta o outro. Por isso, há de se existir meios para que a memória dos esquecidos sobreviva, e dois deles são a narração e a escrita. Conforme Seligmann-Silva (2003, p. 48), o sujeito que testemunha “desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta de uma ausência”. A literatura de testemunho passa, de certa forma, a desconstruir a historiografia tradicional.

Depois da tentativa de apagamento, houve a busca da rememoração através das narrativas de testemunho. A partir desses estudos, temas como a escrita feminina e afrodescendência começam a ganhar mais espaço na história bem como no ambiente literário. De acordo com Toledo (2016, p. 158), esses temas corroboraram para a formação da identidade individual e coletiva. A memória coletiva estaria, no entanto, mais ligada aos afrodescendentes, pois seria uma forma de resgate da história e da cultura negra no período da escravidão. Toledo (2016) também considera que tal literatura, que carrega marcas desse passado não tão distante, precisa da referida memória para poder gerar a visão do fato sob a perspectiva da esperança e da reescritura da História, além de reafirmar sua identidade. A autora pontua que quando

falamos do sujeito na literatura negra, estamos falando de um sujeito que está presente no coletivo. Sobre a literatura negra e feminina, especificamente, Nascimento (2006, p. 78) percebe que:

A memória, faculdade tantas vezes negada aos escravos e seus descendentes (...), a memória, repetimos, será a mola impulsionadora dos textos das escritoras afro-brasileiras. Recuperação de reminiscências relegadas ao avesso do afresco histórico das representações brasileiras.

Isto posto, encontramos, no século XX, as memórias de Carolina Maria de Jesus presentes em seus escritos. Neles, estão inscritas suas recordações, bem como seu tempo, espaço, sentimentos, sonhos e agruras. No palácio da memória, segundo Santo Agostinho (2001, p. 98), estão os conhecimentos que se recorda, “aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem”.

4.1 O impacto da tradição oral, guardião da memória

Segundo o texto bíblico, o mundo foi criado pela palavra. No livro do Gênesis, a criação surge após Deus tê-la dito: “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’. E a luz foi feita” (BÍBLIA, Gênesis 1, 3). Ainda nesses escritos, vemos o apoio à tradição oral como em Tessalonicenses, onde os cristãos são advertidos: “Assim, pois, irmãos, ficai firmes e conservais os ensinamentos que de nós aprendestes, seja por palavras, seja por carta nossa” (BÍBLIA, 2 Tessalonicenses 2, 15). Essa tradição se origina desde os tempos em que ainda não havia a escrita nem mesmo os materiais que auxiliam seu registro.

Além disso, supõe-se que, antes de escritas, a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero foram poemas recitados de memória. Outro exemplo são os contos dos irmãos Grimm (1812) que, antes de coletados e organizados para o papel, eram contados, oralmente, às crianças como um instrumento moralizante.

Na África do Sul, a tradição oral é o grande impulso da cultura e da civilização dos seus povos; era, e ainda o é, a forma principal da construção do conhecimento. A acumulação de elementos na memória e a transmissão destes formavam e traziam a valorização dos bens culturais africanos. Com o processo de diáspora africana ou negra (do início do século XVI ao final do século XIX) para fins escravagistas, houve, segundo Ferreira (2013, p. 14), uma tentativa de apagamento de suas memórias para que, despidos do passado e de identidade, pudessem se tornar alvos fáceis de dominação. Contudo, foi pela memória que os negros sobreviveram.

Ainda para Ferreira (2013), as narrativas africanas se tornaram o elo entre a Mãe África e seus filhos roubados e espalhados pelo mundo. A função de narrar é atribuída aos anciãos de cada povo. Estes, sendo os mais velhos, são considerados os guardiões da memória coletiva, pois precisam acumular memórias para narrá-las. Conhecidos também como *griots*, cabe a eles transmitir aos mais novos a memória, os valores, os saberes da comunidade para que, dessa forma, seja garantida à posteridade e a manutenção de sua sobrevivência histórica e de sua identidade.

Submetidos ao contexto da escravidão, os *griots* entendem que sua missão aqui no Brasil torna-se o elo que une Brasil e África. Para os irmãos sequestrados, suas histórias são o “antídoto” para o projeto do colonizador de “desmemoramento” dos colonizados, e para a criança escravizada nascida no Brasil, a presença do *griot* é o contato que ela tem com sua história. O trabalho de um *griot* no Brasil pode ser considerado um ato político, pois em África, ele tinha o objetivo de conservar a memória, aqui, ele tem o objetivo de resistir ao discurso dominante já “petrificado” pela escrita (FERREIRA, 2013, p. 26-27).

Além disso, Ferreira (2013) afirma que outras manifestações culturais contribuíram para a conservação da herança africana pela oralidade como, por exemplo, o caso da velha contadora de histórias na África, que se torna a mãe preta no Brasil. Geralmente, ela era a ama de leite que contava às crianças brancas suas histórias africanas como uma estratégia de resistência ao esquecimento de sua cultura. Por meio da boca do filho do colonizador branco, as histórias se mantinham.

Em *Diário de Bitita* (1986), o senhor Benedito, avô materno de Carolina Maria de Jesus, conhecido como “Sócrates africano” assumia o papel de *griots*. Zelador da tradição oral, ele contava histórias à Carolina, a ela revelando muito sobre sua época como escravo, seus valores e costumes:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nós nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava do Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refugio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi, que pretendia libertar os pretos. Houve um decreto: quem matasse o Zumbi ganharia duzentos mil-réis e um título nobre de barão. Mas onde é que já se viu um homem que mata assalariado receber um título de nobreza?! Um nobre para ter valor tem que ter cultura, linhagem. (...) Havia pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza, porque ficaram com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar (JESUS, 1986, p. 58).

Como já citado no primeiro capítulo desta dissertação, seu primeiro poema publicado – “O colono e o fazendeiro” (1940) – demonstra todo o aprendizado da autora quanto aos

ensinamentos e histórias do seu avô, apresentando informações acerca do período da escravidão.

O seu nome Benedito José da Silva e tenho orgulho de acrescentar que ele foi o Sócrates analfabeto. Era impressionante a sapiência d'aquele homem. Eu tinha a impressão que o meu ilustre avô era semelhante a uma fita, unido a família como se fosse um bouquet de flores. Não havia desidencencia. Predominava a união. Enquanto o vovô esteve vivo, a sua casa parecia uma assembléia onde os predominadores discutiam as falhas do nosso povo (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 196).

O avô de Carolina era o “elo entre a Mãe África e seus filhos roubados e espalhados pelo mundo” (FERREIRA, 2013, p. 24) que, com a sabedoria de repassar à posteridade as narrativas de sua memória, teve a responsabilidade de unir sua família, seu povo e preservar a história de suas origens. Carolina afirma que seu avô era semelhante a uma fita que unia a família. Pode-se acrescentar que essa “fita” tem sua ponta inicial na África, com seus antepassados.

4.2 A autoficção como um dos produtos de sua memória

Como forma de armazenar suas lembranças e de preservar essa herança da tradição oral que recebeu do seu avô, Carolina escreveu em seus cadernos o que hoje é a sua principal criação: o *Quarto de despejo* (1960), obra que intensifica a oralidade pela instantaneidade conferida através da anotação dos eventos cotidianos. Este se tornou um material para o conhecimento de mundo, proporcionando espaço para guardar seus pensamentos sobre o passado, o presente vivido e um futuro possível. Essa obra, em especial, também foi um instrumento de conhecimento próprio, possibilitando um olhar para si, para o outro e para o coletivo bem como um instrumento de formação e desenvolvimento intelectual, permitindo a transmissão e a reflexão sobre o social, o político, o moral, o estético e o cultural. Para Saramago (1998a, p. 471):

Por muito que se diga, um diário não é um confessional, um diário não passa de um modo incipiente de fazer ficção. Talvez pudesse chegar mesmo a ser um romance se a função da sua única personagem não fosse a de encobrir a pessoa do autor, servir-lhe de disfarce, de parapeito. Tanto no que declara como no que reserva, só aparentemente é que ela coincide com ele. De um diário se pode dizer que a parte protege o todo, o simples oculta o complexo. O rosto mostrado pergunta dissimuladamente: ‘Sabeis quem sou?’, e não só não espera resposta, como não está a pensar em dá-la.

Para Lejeune (2008, p. 265), “Manter um diário significaria (...) enclausurar-se em si mesmo, seria um sinal de desinteresse pelo mundo e de esterilidade”, pois foca em si e em seu contexto. Aquele que neste escreve pode não ter pretensões de publicação, isto é, para muitos

diaristas, escrever é uma ação para captar o instantâneo e guardar memórias; ou, como afirma Fonseca (2010, p. 5), “o bom diarista, disse Virginia Woolf, é aquele que escreve para si apenas ou para uma posteridade tão distante que pode sem risco ouvir qualquer segredo e corretamente avaliar cada motivo”.

Segundo Lejeune (2008), autor que consolida a definição de autobiografia como gênero, o diário também pode ser geralmente definido como autobiografia, desde que: i. a escrita da vida de alguém aconteça por ele mesmo; ii. pode se tratar de um passado; e iii. não é destinado ao secreto, mas designado para a publicação. E Carolina apresentava o desejo, já no ato da escrita, de publicar seus registros:

27 de julho – (...) É que eu estou escrevendo um livro, para vende-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém (JESUS, 2014, p. 27).

Lejeune (2008) ainda aponta que a existência de um pacto autobiográfico se respalda também no compromisso entre o autor e o leitor a respeito da credibilidade do explicitado na narrativa. Ou seja, além das menções que podem aparecer ao longo do texto para verificação do real e não ficcional, o autor/narrador/personagem pode admitir que há verdade no que narra e que os três são a mesma pessoa, garantindo um compromisso de não ficcionalidade. Ainda assim, “diante de uma narrativa de aspecto autobiográfico, a tendência do leitor é, frequentemente, agir como cão de caça, isto é, procurar as rupturas do contrato (qualquer que seja ele)” (LEJEUNE, 2008, p. 26).

Notamos, através do trecho abaixo, a posição de Carolina perante o que ela expõe em seu diário: “29 de maio – (...) Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 2014, p. 46).

Dessa maneira, essa conflituosa reunião entre a autobiografia e a ficção faz surgir um novo gênero: a autoficção. Doubrovsky (1977), ao criar um romance sobre si próprio, já que se questionava a respeito desse tipo de produção, cunhou o termo autoficção para classificar seu livro *Fils* (1977) numa nova maneira de narrar. É por meio desse novo gênero que pôde recortar, de diferentes formas, as histórias de uma autobiografia e, a elas, atribuir características próprias do romance e do ficcional.

Consoante aos estudos de Figueiredo (2010) sobre esse gênero e a escrita feminina, as autoras parecem querer utilizá-lo para mostrar mais suas angústias do que seu prazer, e visam, dessa forma, possibilidades de criar um duplo de si para poderem se expor. Se expor com seus próprios nomes, nessas formas de autoficção, tratando de diversos assuntos, até mesmo tabus.

Segundo Meihy (1994), Carolina Maria de Jesus, ao escrever *Quarto de despejo* (1960), era capaz de se expressar e ter acesso ao mundo externo àquele do qual fazia parte. Sendo assim, de acordo com Dias (2020, p. 20):

Essa capacidade de ter “acesso ao mundo de fora”, fez com que Jesus produzisse seus escritos dentro da autoficção, pela maneira em que relata por sua narrativa a insatisfação da vida cotidiana na favela e da presença da fome constante, a performance se inicia com o desejo de transmutar-se da realidade vivida, de através da Literatura, com vontade de buscar um refúgio em meio as palavras. Na concepção de Kingler (2008, p. 25), essa manifestação artística apresenta características de sujeito duplo, o sujeito real e o que dramatiza (fictício) – a figura do ator e personagem –, além do mais “a dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador”. Dessa forma, podemos perceber que a autora expressa seus desejos usando a dramatização (ficcional) ao expressar o seu eu (aqui como autora e personagem).

Coutinho (1978, p. 9) considera que a Literatura, como toda a arte, é uma transfiguração do real, sendo retransmitido para os gêneros, onde toma corpo e nova realidade. Os fatos perdem sua realidade e adquirem outra, graças à imaginação do artista, isto é, através e por meio da representação da vida é que se concebe uma realidade fictícia. Sendo assim, o artista cria e recria um mundo das verdades fatuais, com a finalidade de se pensar sobre a condição humana e suas atitudes frente a determinadas situações. Posto isso, segue a consideração de que a obra da autora Carolina Maria de Jesus aduz algumas tônicas literárias.

4.3 Liames entre *Quarto de despejo* e a memória coletiva

Segundo Magri (2016), partindo da máxima, muito comum, “nada se cria, tudo se copia”; toda e qualquer pureza ficcional e teórica acabam se tornando algo ilusório, em que sempre se está retomando um texto já existente. O que cabe como originalidade e substrato artístico, neste caso, é a capacidade de expressão do autor, isto é, a maneira como ele materializa suas ideias na escrita, como lê o que foi produzido antes. Logo, essa prática aparece na escritura como algo original. Entretanto, não é uma ideia que ainda não tenha sido pensada antes, pois isso seria impossível ao longo da circulação das ideias literárias. Tudo é um redito constante, dificultando a possibilidade do ineditismo. De certa maneira, há o entrecruzamento de ideias, o mosaico de citações em um texto, já que ele se constrói a partir de outros textos.

Além disso, é de se destacar a premissa de que tão importante quanto a plêiade de grandes autores são os grandes leitores, pois eles também auxiliam na sedimentação da memória literária, impedindo, por vezes, que grandes livros caiam no esquecimento. Através da admiração, esses leitores fazem com que a Literatura se relance continuamente e crie uma corrente complexa de retomadas.

Ainda conforme Magri (2016), durante todo o processo de escritura e circulação das ideias literárias há a “prova do tempo”, na qual críticos literários imprimem parâmetros de valor sobre as produções. Alguns autores, depois de certo tempo “adormecidos”, são recuperados e reconhecidos como grandes nomes e influenciadores. Isso acontece por conta da recomposição do espaço letrado dos estudiosos da literatura e da influência do contexto cultural de cada época, que pode impedir que certos livros sejam lidos. Com o passar dos anos, há também o esquecimento sistemático de algumas obras que acabam sendo ignoradas por muitos.

Magri (2016) discorre que a memória literária forma mecanismos que mobilizam a prática da leitura o que ajuda a construir a riqueza cultural de uma época. Tal atividade possibilita a movimentação da memória, individual e coletiva, causando a redescoberta de extensões do mundo literário que um escritor passa a utilizar como memória de empréstimo.

Dessa forma, cabe ressaltar que foi na década de 1960 que a literatura feita por marginalizados começou; uma literatura que abrange a memória coletiva a partir de um território e que expõe um trauma pela violência hodierna vivida por tantos. Segundo Sharpe (1992, p. 41):

Essa perspectiva [a história vista de baixo] atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.

A autora Carolina Maria de Jesus documenta as dificuldades que enfrentou por sua condição, especialmente no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960): “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta” (JESUS, 2014, p. 64). Nele, a autora descreve como foi perseguida pela cor de sua pele, deixando evidente a falta do bem-estar perante essa situação. O poder estatal se encontrava nas mãos de alguns brancos que pouco a olhavam. Com isso, ela revela acontecimentos e reflete sobre as questões sociais e o racismo.

A narrativa de um diário está intrinsecamente conectada à memória e, nessa conexão, há uma linha tênue entre o real e o ficcional. Por consequência, o gênero pode contribuir tanto para estudos literários quanto para estudos históricos e memorialísticos para a consolidação de fatos, caso o texto apresente a distribuição de importantes referências históricas. Além disso, permite que o autor se imagine como um outro dentro de si mesmo, e pode estabelecer variadas dimensões ao contexto no qual a personagem está inserida.

Segundo Bakhtin (2003), o gênero diário íntimo é um gênero que se fundamenta na confiança, na proximidade interior com o destinatário e na boa vontade de sua compreensão responsiva, deixando o falante em comodidade para sua narrativa. Do latim, *diarium*, o diário organiza e armazena experiências, confissões, segredos, e diálogo interior. Além disso, está relacionado ao vocábulo *dia*, justamente por, majoritariamente, se compor de escritas diárias com datação, pois os registros da vida costumam ser feitos em ordem cronológica.

De acordo com Pimentel (2011), esse gênero apresenta como tema a escrita sobre si; como forma, a datação; a linguagem em primeira pessoa, com um vocabulário informal, coloquialismos, marcas pessoais e emoção. O gênero diário apresenta, ainda, um diálogo do autor com o próprio diário, além de uma interatividade com o leitor sem que ele tenha interferência (PIMENTEL, 2011).

Já sobre a datação do diário, Le Goff (1990) explica que muitas sociedades e culturas inventaram um instrumento que é fundamental para domesticar o tempo natural na história: o calendário. Por isso, datar os escritos, atribuir sentido por meio de uma ordenação temporal e espacial de vivências é uma forma de tentar domesticar não só o tempo como também os registros. Lejeune (2008) ressalta ainda que as datas podem aparecer de forma precisa ou espaçada, mas sua presença é imprescindível, pois, com elas, há uma entrada em e um recorte de determinado período da vida do diarista.

O estudioso Jacques Le Goff (1990) aborda a relação entre a História e o poder da memória. O autor ressalta como a memória influencia nas relações das sociedades humanas. Tais relações permeiam a evolução da própria ciência histórica, que não é apenas um mecanismo de armazenamento, mas um meio de retomada quando necessário.

A história do homem foi substituída pela história do homem em sociedade, daí a eficácia de uma memória coletiva para a organização dos relatos dos fatos históricos. Por meio da narração e documentação da memória, devido à limitação da transmissão oral, documentos valiosos para a sociedade foram surgindo. Isso porque se tornam monumentos e representam um poder do passado sobre a memória e o futuro da sociedade.

Mesmo que a relação seja complexa, história e memória caminham intrinsicamente conectadas. Contudo, a seleção de explicações para compor a linha do tempo da humanidade não é arbitrária. Historiadores podem selecionar fenômenos, porém, essa escolha não acontece de forma arbitrária, concebendo, assim, uma narrativa montada por interpretações selecionadas e, muitas vezes distorcidas. Logo, contar o passado não se torna algo tão inocente como, há pouco tempo, se imaginava.

Para Le Goff (1990), memória não é História, mas um dos seus principais objetivos é, justamente, a possibilidade da releitura histórica. Na Antiguidade, nas sociedades tradicionais, os antigos eram muito respeitados, pois eram considerados depositários da memória coletiva, preservando, portanto, experiências passadas e evitando que erros se repetissem. Segundo Le Goff (1990), a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado. Dessa forma, há a ameaça do apagamento da memória coletiva.

O esquecimento é uma das grandes preocupações das classes e dos grupos que dominaram e dominam sociedades históricas; outra grande preocupação é como se tornar senhor da memória, pois ela é também um instrumento de poder e de governo. A memória é uma conquista, que, se bem usada, leva à libertação dos homens. É correto afirmar, portanto, que a memória é um elemento fundamental para a construção de si, do outro, do espaço e do tempo, e esta deve ser preservada em arquivos que se tornam exímios produtos de pesquisa para estudiosos da sociedade.

Diante disso, Carolina apresenta fatos para a exploração de experiências históricas. Destarte, temas como a fome, a pobreza, questões raciais, desigualdade social, a migração, ausência de políticas públicas, divisão de espaço social na expansão urbana de São Paulo são recorrentes em *Quarto de despejo*, ampliando, pois, a voz dos marginalizados dentro da história. A fome, tema que acompanha todo o diário, demonstra uma das mais horrendas facetas da miséria a que os moradores de favela, numa época em que mal tinham acesso até mesmo à água, eram submetidos:

19 de julho – Despertei as 7 horas com a conversa dos meus filhos. Deixei o leito, fui buscar água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila... (JESUS, 2014, p. 17).

13 de maio – E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2014, p. 30).

17 de maio – (...) Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem os comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados... (JESUS, 2014, p. 34).

Além da fome, a pobreza também assombrava a vida de Carolina. Parte central do livro, a miséria demonstra a precariedade de direitos humanos básicos para aqueles cidadãos. Dessa maneira, portanto, há a demarcação da desigualdade social existente em São Paulo, em especial quando a autora delimita as áreas da cidade, descrevendo que a favela seria como que um quarto de despejo, título da obra. Nota-se nos excertos abaixo suas considerações sobre a divisão do espaço social na expansão urbana de São Paulo:

15 de maio – (...) Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a vista de visitas. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 2014, p. 32).

17 de maio – Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo (JESUS, 2014, p. 33).

7 de junho – (...) Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajés rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (...) Encontrei com ele outra vez, perto do depósito e disse-lhe: – O senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma media. É bom beber um cafezinho de manhã (JESUS, 2014, p. 54).

Carolina descreve acontecimentos e reflete sobre as questões sociais e o racismo, deixando evidente a situação de muitos marginalizados em sua cidade. É o que Gonçalves (2018, p. 1) afirma:

Carolina também escreve sobre as questões raciais dentro e fora da favela, relata sobre episódios de racismo, e deixa transparecer um pouco da estrutura racializada da cidade de São Paulo na época e da posição marginalizada que os negros e negras ocupavam, mas também exalta a sua cor e o desejo de igualdade.

A autora observa a situação da perseguição aos negros pela cor da pele. Em *Quarto de despejo* (1960), são claras a violência e o preconceito descomedido que rodeavam os negros:

11 de agosto – ... Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório, Quem sabe se guarda civil ignora que foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 2014, p. 33).

23 de junho – (...) Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com essas desorganizações (JESUS, 2014, p. 70).

Ela também observa a chegada dos migrantes afirmando que, por causa disso, houve uma superlotação na favela. Devida à expansão urbana e o desenvolvimento industrial no Brasil, no final da década de 50, muitos migraram, em especial os nortistas e nordestinos, para cidades com maiores oportunidades de emprego e melhoria de vida, como São Paulo. Dessa forma, desenrolam-se os conflitos e o choque cultural vividos pelos estranhamentos dos

costumes e hábitos próprios e o compartilhamento da precariedade dos moradores da favela do Canindé.

Na rua A residem 10 baianos num barracão de 3 por dois e meio. Cinco são irmãos. E as outras cinco são irmãs. São robustos, mal encarados. Homens que havia de ter valor para o Lampeão. Os dez são pernambucanos. E brigaram os dez com um paraibano (JESUS, 2014, p. 63).

O baiano esposo da Zefa é meu vizinho e veio queixar-se que o José Carlos lhe aborrece. O que sei é que com tantos baianos na favela os favelados veteranos estão mudando-se. Eles querem ser superior pela força. Para ficar livre deles os favelados fazem um sacrifício e compram um terreno e zarpam-se (JESUS, 2014, p. 78).

Barcellos e Zaluar (2013, p. 95), ao tratarem de conflitos dentro de favelas violentas e densamente povoadas do Rio de Janeiro, consideram que:

A hipótese subjacente [aos estudos] é que as vítimas [de morte por agressões] morariam em bairros superpovoados, etnicamente heterogêneos, com altas taxas de desemprego, com famílias chefiadas por mulheres, gravidez na adolescência e pessoas de renda e escolaridade baixas. Portanto, além de variáveis socioeconômicas agregadas, fatores relacionados ao espaço urbano tornaram-se parte da investigação criminológica. (...) As favelas passaram a ser refúgio de grupos criminosos e bolsões onde práticas de segurança interna e de justiça informal foram moldadas de acordo com o domínio local.

Logo, destacam-se a violência e a noção do público e privado que se mesclam dentro da favela do Canindé apresentada por Carolina, e são nesses episódios que a escritora aponta a convivência conflituosa dentro da comunidade:

18 de julho – (...) Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou a imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espanca-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com uma criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (JESUS, 2014, p. 19).

20 de julho – (...) Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe expandaram quando ele estava embriagado (JESUS, 2014, p. 21).

15 de junho – (...) Ela teve um menino que podia estar com 4 anos. Mas um dia eles [residentes da favela] embriagaram, e brigaram e lutaram dentro de casa. A luta foi tremenda. O barraco oscilava. E as panelas caíam fazendo ruidoso. Na confusão, o menino caiu no assoalho e pisaram-lhe em cima. Passado uns dias perceberam que o menino estava todo quebrado. Levaram para o Hospital das Clínicas. Engessaram o menino. Mas os ossos não ligaram. O menino morreu (JESUS, 2014, p. 63).

Diante dessa realidade, percebe-se a ausência de amparo e proteção do Estado, não só com relação a segurança dos moradores de favelas, mas com variadas necessidades básicas da

comunidade. Os residentes contavam mais com o apoio de entidades de caridade do que com políticas públicas ou com o governo.

16 de julho – (...) O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espírita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se (JESUS, 2014, p. 12).

19 de julho – (...) Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc (JESUS, 2014, p. 19).

15 de maio – (...) Os vizinhos das casas de tijolos diz:

– Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoras (JESUS, 2014, p. 32).

18 de maio – ... Na favela tudo circula num minuto. E a notícia já circulou que a D. Maria José faleceu. Várias pessoas vieram vê-la. Compareceu o vicentino que cuidava dela. Ele vinha visitá-la todos os domingos. Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isto competia ao tal Serviço Social (JESUS, 2014, p. 34).

É importante apontar a maneira como a autora interpretava a situação política. Ela criticava essa ausência do Estado e como os governantes da época lidavam com a favela. Carolina, na verdade, buscava libertar os filhos e a si mesma da opressão e da miséria que viviam. Por isso, não se conformava com as atitudes de muitos políticos. Cruz (2019) considera que a autora se aproximava do conservadorismo, por seus anseios sobre sair da favela e sua conduta de ordem moral em determinadas situações, que, muitas vezes, prezava pela prudência.

Meihy e Levine (1994, p. 33) afirmam que a luta constante da autora era conseguir comida, “a luta pela sobrevivência era – e sempre foi – o eixo principal da argumentação de Carolina. Nem o racismo, nem sua condição de mulher predominavam”.

(...) Sair da favela é o sonho de Carolina, ir morar numa casa de alvenaria, libertar os filhos e a si mesma da opressão e da miséria. Sair do chiqueiro, sair do inferno. (...) Se Carolina Maria de Jesus era conservadora, não é porque era alienada ou mesmo traidora de sua raça (ou classe), mas simplesmente porque cria, instintivamente, como todo mundo, que há uma ordem moral permanente, baseada numa tradição (...) que deve ser respeitada para a boa convivência social; porque sabia que a prudência é uma virtude essencial para quem deseja sobreviver em meio às adversidades; e porque tinha plena consciência de suas imperfeições, de suas falhas, e buscava melhorá-las sendo exemplo, sobretudo, para seus filhos. Sua filha, Vera Eunice de Jesus Lima, professora (realizando o sonho da mãe) e responsável por ser a biografia viva da escritora, é um exemplo cabal de seus ensinamentos. Se a ordem moral vigente era sufocante para pessoas como Carolina, ela sabia que não adiantava se revoltar – “hoje em dia, quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói” –, embora tivesse seus momentos de rebeldia. Mas lutou com sua arma mais eficiente: a literatura. E venceu através de sua arte (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 33).

Meihy e Levine (1994, p. 19-20) apontam o fato dela não levantar nenhuma bandeira ideológica, além de destacarem o conservadorismo de Carolina:

Curiosamente, nem os militantes de esquerda, nem os membros da ciosa direita brasileira a apoiaram de maneira linear. Para os primeiros ela não parecia suficientemente estridente para provar as teses de luta de classes ou da vítima consciente da marginalização inconformada. Até, pelo contrário, sob alguns pontos, de vista, Carolina mostrava-se conservadora e mesmo racista, sobretudo isolada. Para a direita, seus testemunhos incomodavam o pressuposto da pobreza domesticada, útil sem dúvida para os discursos disciplinados, mas ao mesmo tempo, ela elogiava alguns comandantes políticos.

Sendo assim, cabe citar situações nas quais Carolina demonstra sua opinião, sua individualidade que lhe permitia “expor o que ela acredita como verdade, da maneira que acha que deve expor, sem demagogia, sem pressupostos, sem teses que devem, a todo custo, serem provadas” (MALLMANN, 2018, p. 30); citações que demonstram sua revolta sobre a realidade política vigente:

19 de julho – (...) As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual de Carlos Lacerda que irrita os nervos (JESUS, 2014, p. 32).

Cabe destacar a importância das informações nesse último trecho para os estudos sobre memória coletiva. Isso porque Carlos Lacerda foi um jornalista e político brasileiro, opositor do segundo governo de Getúlio Vargas e de João Goulart, e protagonizou intensos conflitos com Jânio Quadros. Eleito deputado, seu governo foi marcado pela eliminação de muitas favelas e intervenções de urbanização nessas comunidades. Foi um período bastante conturbado, porque muitos favelados reclamaram do desrespeito e da falta de organização nesse processo. Logo, percebe-se, pela citação de Carolina, o descontentamento ao se referir a tal político.

Lacerda investia pesado na limpeza da cidade de seus personagens indesejados. São famosas suas ações de remoção de mendigos das ruas, sendo também obras de seu governo a demolição integral das favelas da Catacumba e do Pasmado, ambas localizadas em bairros da Zona Sul carioca (Lagoa e Botafogo, respectivamente) e a construção de grandes conjuntos habitacionais, em regiões afastadas das áreas centrais do Rio de Janeiro, para onde foram relocadas as populações das faveladas demolidas. Esse é o caso da Cidade de Deus, construída em Jacarepaguá, e das Vilas Kennedy, Aliança e Esperança, implantadas em Bangu (MAIOLINO, 2005, p. 100).

Carolina não era alheia aos acontecimentos políticos. As decisões que por eles eram tomadas impactavam não só na vida dela, mas na vida de todos os favelados. E, mesmo São Paulo sendo um dos estados nos quais os políticos mais investiram em meios para melhorar a

economia do país, adotando controles de despesas públicas e melhorias na infraestrutura, esse desenvolvimento não chegou às favelas da época.

16 de maio – (...) Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (JESUS, 2014, p. 33).

20 de maio – Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (JESUS, 2014, p. 38).

19 de maio – (...) O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado, sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (...) Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas (JESUS, 2014, p. 35).

03 de novembro – ... Catei uns ferros. Deixei um pouco no deposito e outro pouco eu trouxe. Quando passei na banca de jornais li este slogan dos estudantes: Juscelino esfola! Adhemar rouba! Janio mata! A câmara apóia! E o povo paga! (JESUS, 2014, p. 132).

Carolina demonstra consciência social e política. Seu diário possibilita que um novo olhar seja lançado sobre a história do país bem como sobre o futuro dele. Ela demarca as desigualdades e o processo de segregação social presentes na sociedade. Com suas denúncias, fica evidente que as favelas, espaço alocado à população mais pobre da cidade, em “áreas marginais”, subindo encostas e morros; não eram lugar favorável e seguro para a vida humana. Um ambiente inóspito por falta de políticas públicas. Segundo Mallmann (2018, p. 38), “a fome, as doenças devido à falta de saneamento básico, a dificuldade de conseguir água, o desprezo dos moradores da área urbanizada, o desprezo dos políticos a levaram a registrar como forma de protesto e indignação”.

31 de maio – (...) Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez: – A senhora está morando aqui? – Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós (JESUS, 2014, p. 48).

11 de junho – (...) O José Carlos está mais calmo depois que botou os vermes, 21 vermes (JESUS, 2014, p. 58).

07 de julho – (...) Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão

diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encarar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as sua úlceras. As favelas (JESUS, 2014, p. 85).

26 de julho – (...) pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remédios (JESUS, 2014, p. 100).

Halbwachs (1990), em seu livro *A Memória Coletiva*, alega que para as lembranças individuais fazerem parte de uma memória coletiva é necessário que haja dados e que se queira que estes sejam passados para frente. Também é importante que essas informações vão ao encontro dos dados de outrem, já que a convivência em sociedade nos proporciona essa troca. Uma memória individual não se opõe à coletiva, pois partem de indivíduos que se lembram, enquanto membros de um grupo. As memórias pessoais podem ser, inclusive, um ponto de vista sobre a memória coletiva. As lembranças vão se apoiando umas sobre as outras cooperando com a construção da memória coletiva.

A sucessão de lembranças presentes no diário de Carolina deriva das mudanças que são produzidas em suas relações sociais com o meio coletivo em que viveu. Ainda que escreva sob suas personalidade e vida pessoal, em certos instantes, ela o faz como membro de um grupo. Halbwachs (1990) aponta que esses dois tipos de memória se cruzam, em especial quando a individual se apoia sobre a coletiva para confirmar algumas recordações ou se confundir com ela.

Dessa forma, é de se ressaltar a importância das narrativas como em *Quarto de despejo* para uma consolidação histórica dos fatos, pois os relatos também se constituem da distribuição de importantes referências históricas ao longo do texto, possibilitando apontar diálogos possíveis entre literatura e as instâncias memorialísticas.

5. A (RE)AFIRMAÇÃO DA SUA IDENTIDADE POR MEIO LITERATURA

“Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado” (EVARISTO, 2010, p. 1).

5.1 A força narrativa: a construção da sua *escrevivência*

Partindo para discussões acerca do gênero feminino e a literatura, Lord (2018), sob à teoria sociológica, considera que estudar essa relação deixa de lado o discurso da neutralidade científica para se assumir como um discurso revelador de formas de poder e de dominação. Para Bourdieu (2012), estudioso sobre a dominação masculina, incorporamos, por vezes inconscientemente, estruturas históricas e pensamentos da ordem masculina e é preciso sair desse círculo refletindo sobre as formas de classificação nas quais se constrói o mundo.

Dessa forma, Bordieu (2012) afirma que essas ponderações a respeito da divisão dos sexos parecem estar situadas como esquemas de percepção, pensamento e ação em todo o mundo social, e essa ordem tende a legitimar a dominação masculina. Quando os dominados têm percepção da conformidade e submissão perante essas relações, pode acontecer uma luta cognitiva a propósito dessas realidades.

O autor (2012) apresenta também a impugnação sobre como os padrões sociais são formados, em que, para se categorizar algo, parte-se da exclusão de outro, isto é, esses padrões incidem negativamente sobre o feminino ante as características conferidas ao sexo masculino, socialmente elaboradas.

As permissões, portanto, concedidas ao sexo masculino na Literatura, em seu início, não foram concedidas às mulheres. Coube a elas, o silenciamento, o privado, o escondido. Ademais, quando começaram a se desvencilhar desse quadro, a escrever, existiam temas dentro da escrita literária que só podiam ser tratados por homens, sendo relegadas aos temas da época que eram ligados somente ao feminino, como casa, família e filhos.

Conseqüentemente, foi difícil para as mulheres mostrar que a Literatura feita por elas era de “boa qualidade”. Para isso, essas artistas tiveram que romper os preconceitos que as rodeavam para conquistarem seu protagonismo na história. Por muito tempo, mais precisamente no século XIX, publicavam usando pseudônimos masculinos ou pediam para homens assinarem suas obras para não serem alvo de perseguição e de críticas depreciativas.

Assim, tê-las no espaço literário e usar a literatura a seu favor é a abertura para ganhar maior valorização nos âmbitos sociais. Uma vez que Candido (1995) alega que a literatura tem

sido um instrumento poderoso de instrução e educação, além de ter um papel formador na personalidade, onde se encontram os valores da sociedade e onde as palavras presentes ali comunicam sempre alguma coisa que nos toca. Logo, torna-se espaço propício para a formação de narrativas que rompam com a percepção, pensamento e ação que firam a dignidade da mulher. Segundo Candido (2011, p. 182) “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Virginia Wolf (2014) traz, em seu texto *Um Teto todo seu*, uma reflexão sobre esse espaço da mulher tanto na literatura quanto na sociedade. Para a autora, para que a mulher alcance esse espaço é necessário que ela tenha dinheiro e um teto dela própria, isto é, que tenha sua independência. Na ficção, autores idealizavam as mulheres em seus textos, as criavam em desacordo com o que eram na realidade, porém a falta de credibilidade das histórias contadas por elas próprias as impedia de serem escutadas. Logo, não são necessários apenas teto e dinheiro, mas também um público leitor, que surja de uma sociedade que respeite o espaço do outro de falar. O texto de Virgínia Wolf é uma crítica social acentuada sobre essas principais questões.

A autora bell hooks (1995), contudo, considera que as escritoras negras encontram mais dificuldade para alcançar o lugar desejável na sociedade, em função do racismo e “um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como vocação” (HOOKS, 1995, p. 467). Ribeiro (2017), fazendo referência aos estudos de Grada Kilomba, explica que, se a mulher é o outro, a mulher negra é o outro do outro e se encontra em uma posição mais difícil de reciprocidade.

Com isso, Davis (2016) alerta que as mulheres negras precisam obter conhecimento e essa ação é “uma lanterna para os passos de seu povo e uma luz no caminho para a liberdade” (DAVIS, 2016, p. 113) e que, com a ajuda de aliadas brancas, ganha-se um auxílio indispensável na criação dessa fortaleza. Spivak (2010) também sugere que aqueles que já estão em um espaço privilegiado auxiliem os que ainda não chegaram, compartilhando seus espaços para que os outros também possam falar.

Wollenstonecraft (2016), salienta a relação entre os preconceitos arraigados que, muitas vezes, são justificados com a prática da “razão” em vez de procurar desconstruí-los. Na busca por uma sociedade favorável para homens e mulheres é fundamental que existam discussões, troca de saberes entre ambos para, dessa forma, alcançarem conclusões completas que não estejam pela metade. Assim, as conclusões que são consideradas plausíveis, por se construírem

por pontos de vista parciais, estariam contrariando a conveniência de partes e a covardia intelectual de alguns que não querem abandonar as práticas discriminatórias.

Nota-se, portanto, a preocupação que se deve ter com a igualdade de oportunidades, inclusive a liberdade do pensar, para se alcançar a cidadania no estado social; observando, sobretudo, se os direitos humanos e deveres da humanidade estão sendo, de fato, cumpridos e se estão sendo embasados na dedicação intelectual e em discussões construtivas e não apenas convencionais.

Isto posto, considera-se que até o começo do século XIX, aprender a ler e a escrever era um privilégio reservado apenas aos homens. Entretanto, em 1827 surgem as primeiras escolas públicas femininas no Brasil, garantindo a poucas mulheres esse direito. Foi a partir daí que muitas começaram a construir o saber e a formular perguntas. Saíram das sombras de artistas homens e começaram a produzir e a ganhar espaço na Literatura. Um espaço pequeno, mas que representava uma grande evolução para a época. Nasce aí, uma luta que perdura até hoje, a luta de conquistar o lugar para o feminino, não só na Literatura, mas em vários âmbitos da sociedade.

Dentre as autoras, vale ressaltar alguns nomes que participaram e participam dessa luta pelo protagonismo feminino no Brasil, como Clarice Lispector, Adélia Prado, Cora Coralina, Alaíde Lisboa, Rachel de Queiroz, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Maura Lopes Cançado, Conceição Evaristo, Henriqueta Lisboa e Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.

Mesmo diante de grandes dificuldades, o Brasil mostrou sua rica produção feminina com grandes autoras que mudaram e influenciaram o cenário da Literatura Nacional. É um país prodígio em ter intelectuais e escritoras. Conceição Evaristo, um desses nomes, criou o termo “escrivência” para explicar que sua Literatura é o resultado de sua alma, de sua vivência e é isso que as mulheres buscavam representar em seus escritos, representar a mulher do seu tempo, algumas vezes, atuando em espaços diferentes do ambiente do lar, onde mais agiam. Porém, muitas, infelizmente, não ganharam o reconhecimento merecido, mas tiveram grande importância e influência na história da Literatura feminina brasileira.

Para Evaristo (2009, p. 28), o que é interessante discutir sobre a escrita de Carolina é “o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável”. A autora (2009, p. 18) ainda discorre que os corpos negros, devido ao passado, tiveram que encontrar formas de resistência por meio dos produtos culturais:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira.

Toledo (2010, p. 251) pondera que Carolina não teve medo de se expor e sustentar a sua fala desvalorizada, mesmo com a postura de mulher autossuficiente reprimida em diversas sociedades, classes e culturas. A escritora era rejeitada em todos os ambientes que transitava. Na favela, por saber ler e escrever, por não estar numa relação matrimonial e criar os filhos sozinha. Na elite, por ser pobre, negra, mulher e favelada. Na literatura, por impressões, aparentemente autônomas e de ordem literária, embora possam passar todas essas condições rejeitadas pela elite, mas também por não escrever conforme os padrões estilísticos da época.

Tudo que para os outros era motivo de exclusão, para ela era material de ascensão. Usou da sua linguagem fragmentada para narrar sua produção escrita. Se não fosse “letrada”, não conseguiria fazer parte do universo literário. Ser pobre, negra, mulher e favelada a ajudaram a construir, através da sua vivência empírica, sua obra literária que lhe abriu as portas para o sucesso.

Também conforme Toledo (2010, p. 251), seu único aliado era a verdade marginal. Sendo relegada por grupos que, na teoria, deveriam lhe oferecer apoio.

A autora foi relegada por seu próprio grupo: mulheres que se posicionavam em prol da sua autonomia nas respectivas literaturas. O que houve com as colegas de escrita da ex-catadora que não a reconheceram como uma ovelha do rebanho feminista; não compreenderam a sua razão de querer estar incluída nesse universo que não lhe pertencia? (TOLEDO, 2010, p. 251).

A expressão da vontade comunicativa de uma mulher que jamais aceitou sua condição de submissa, mesmo sem amparo e acolhimento para seguir como ela própria e com sua autonomia, era a razão da conquista do seu ingresso mundo literário, independente da cobiçada qualidade textual, conforme Meihy (1996, p. 11).

Seu registro, constantemente biográfico, funcionava como documentação de experiências até então jamais autenticadas por autorias de quem padecia vida miserável. Entre seus escritos e o resto do mundo haviam que se constituir vasos comunicantes capazes de correr realidades pouco percebidas por uma cultura domesticada para perceber o belo aristotélico (bom porque bonito, bonito porque prazeroso, prazeroso porque certo).

Diante das contrariedades, pôde, sim, alcançar o ingresso no mundo literário e o sucesso dentro dele, mesmo que por pouco tempo, no lançamento de *Quarto de despejo* (1960). Após esse feito, sua permanência talvez tenha sido mais difícil do que sua entrada. Suas publicações futuras foram arcadas do seu próprio bolso e sem altos índices de vendagem.

Casa de Alvenaria (1961), seu segundo livro publicado, foi também um diário e narrou a vida logo após *Quarto de despejo* (1960) em seu sonho de morar numa casa que não estava situada numa favela – “A casa para um favelado é tão importante que casa, para nós deve ser escrito com letra maiúscula – CASA DE ALVENARIA” (JESUS, 1961, p.100). De acordo com Conceição (2019, p. 63),

A menor repercussão de *Casa de Alvenaria* não o torna um livro de menor importância, pois em ambos [trata também de *Quarto de Despejo*] encontram-se presente análises fundamentais sobre a sociedade brasileira. Tais análises perpassam as questões raciais, de gênero, socioeconômicas, e políticas. A maior diferença entre eles é o fato de que, no primeiro, as análises partem de uma mulher negra que vive em uma favela da grande São Paulo. Já no segundo, as análises tornam-se mais ameaçadoras, pois partem da mesma mulher negra, só que dessa vez em plena ascensão socioeconômica, e que agora mora em um bairro tradicional e de classe média – aqui o olhar da autora alcança com maior nitidez a vida fora da favela.

A autora revela a força da sua voz feminina, do olhar maduro de mulher independente em todos os sentidos possíveis, em especial nos panoramas da literatura, sociais, de gênero e étnicos. Seu sistema literário dialoga com o externo, com suas experimentações e ensejos de melhoria de vida, isto é, transfigura a vida na escrita. Segundo Toledo (2010, p. 248), Carolina

Representou a si mesma com veracidade, declarando seus anseios, angústias, desejos, medos da forma mais real e possível dentro de seus limites e conhecimento. Por mais que retomasse traços da alta literatura, imitasse o vocabulário rebuscado e até mesmo certas imagens poéticas, tinha inegavelmente, um toque todo seu: a escrita da realidade. Escrevia e descrevia o real extrapolando as barreiras ficcionais e verossímeis postas pela literatura de alto escalão; revelava o extraliterário; revelava a si. Assim criou um modelo literário, readaptando a literatura autobiográfica, surpreendendo aqueles que a taxavam de anacrônica, quando, na verdade, criava algo novo.

Representar sua *escrevivência* para Evaristo (2009) era uma forma de luta e resistência. Sobre a *escrevivência* de Carolina, Evaristo discorre que

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária (EVARISTO, 2009, p. 18).

Dantas, no prefácio do livro *Casa de alvenaria* (1961) alega que o livro foi escrito já não mais no quarto de despejo, mas na sala de visitas, meio no qual ele também fazia parte. Todavia, afirma ele, Carolina retratou esse ambiente com os seus “olhos de favelada”, aprisionando a escritora ao estereótipo de “favelada”. Com essa alegação, percebemos que o

livro de denúncia da “classe nobre” incomodou até mesmo àquele que muitos atribuem como o “descobridor” da autora. Isso demonstra que Carolina não se intimidava por ninguém, mesmo que isso pudesse lhe custar a destituição de alguns apoios e privilégios. Ela não renunciava à sua *escrevivência*.

Sobre isso, Evaristo (2007, p. 21) constata que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. E ainda escreve que

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpomulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulhernegra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (EVARISTO, 2007, p. 54).

Esse conceito originado por Evaristo se enquadra na existência de Carolina Maria de Jesus. Ele é, sobretudo, um ato de insubordinação, principalmente, quando se trata de toda violência, silenciamento e preconceito sofridos por todos os negros e marginalizados do Brasil. Ao se tornar personagem principal, fundindo com a autoria e a narração, a autora tem muito a dizer sobre as questões da mulher, representando também por seus diferentes contextos, distintas realidades (como em *Casa de alvenaria*), tendo como fonte as experiências pessoais, apresentando narrativas que dialogam com os fatos.

Ela, em algumas de suas produções, narra o cotidiano de uma mulher que busca o espaço gerador de conhecimento e está sempre em busca de se entender e entender o que queria para si, compreendendo, em certa medida, as suas escolhas e ações. Dessa maneira, uma protagonista mulher, como Carolina, segue em busca da sua essência, força, identidade e autonomia.

Por isso, mulheres como Carolina Maria de Jesus rompem com o que está arraigado na tradição. A autora fala através das suas narrativas femininas. E, levando em consideração, as dificuldades de se legitimar a escrita de quem ocupa espaços subalternos, estudar não só a representação das personagens femininas, mas as mulheres que sobre elas escrevem é de grande importância para a reflexão sobre suas condições sociais.

Assim sendo, reconhecer que a marca que a autora deixou no panorama dos estudos literários brasileiros é de grande relevância. Esse passo abriu caminhos para que outras também

tivessem oportunidades, auxiliando na busca e no avanço de tornar o subalterno visível. É o caso da própria Conceição Evaristo que alegou em algumas entrevistas e palestras que ela e sua família liam a obra de Carolina, colocando-se como personagens que viviam as mesmas histórias presentes nas páginas de Carolina e a tomando como inspiração a experiência da escritora que era mulher, negra, moradora de favela e que conseguiu escrever literatura.

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (EVARISTO, 2010, p. 1).⁶

A sua imposição contra as estruturas de poder que na época imperavam trouxe novas vozes e visões para o meio literário, vozes que por muito tempo foram silenciadas. Ela se apresentou como uma mulher que entra em contato com sua natureza e, ao refletir sobre suas condições, luta para romper com um destino traçado a ela usando como meio a força das palavras e indo contra aos que mantinham a hegemonia e impediam que outras vozes emergissem.

5.2 Carolina: “quero ser eu”

Carolina Maria de Jesus que antes, enquanto vivia na favela, tinha a impressão de ser um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p. 33), se tornou escopo de pesquisas acadêmicas e figura digna de homenagens. Mas teve, no entanto, que enfrentar a fase de se esquivar de ser um “objeto de consumo”, durante seu auge na fama.

Isso porque era vista por muitos como alguém (ou algo) exótico. Criaram estereótipos para ela e sua imagem foi bastante utilizada para publicidade, principalmente por se sobrepôr ao que, na época, estava em voga para ser considerada uma autora, tanto por sua história de vida, quanto pelas particularidades em sua escrita. Ainda assim, mantinha o sentimento de se estabelecer como uma autora:

O reporter desembrulhou os livros e deu-me um.
Fiquei alegre olhando o livro e disse:
- O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.
E li o meu nome na capa do livro.
Carolina Maria de Jesus.
Diário de uma favelada.
QUARTO DE DESPEJO

⁶ EVARISTO, Conceição. Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>.

Fiquei emocionada. O reporter sorria:

- Tudo bem, não é, Carolina?

- Oh! Sim. Tudo bem.

É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. (...) Fiquei lendo o meu livro “Quarto de Despejo” até as 3 da manhã. (...) Fiquei tão emocionada que não dormi (JESUS, 1961, p. 33).

Ao observarmos noticiário da época que se tratava da autora, depreendemos que, para ela, todavia, reservava o lugar de “favelada”, apenas. O que se encontrava acerca de Carolina estava associado à sua vida na favela e à pobreza, na qual viveu nos tempos de escrita de *Quarto de despejo* (1960). Por vezes, era obrigada a se apresentar em público com o lenço na cabeça, porque era isso que se esperava do que alguns a consideravam: uma escrevinhadora moradora de favela.

Segundo Vera Eunice (CAMINHOS DA REPORTAGEM, 2020), sua mãe era vaidosa, gostava de usar lenços na cabeça, mas queria a liberdade de poder usá-los quando quisesse, não como marca de subalternidade que imprimiam em Carolina. Por isso, é difícil encontrar fotos nas notícias da época em que ela se encontra com o cabelo solto.

Mesmo saindo de cena, após o sucesso de sua primeira publicação, tentaram, ainda, rebaixá-la, rotulando-a como vítima ou louca na manchete “Carolina, vítima ou louca?” do jornal *Folha de São Paulo* (1976, p. 31) e, junto, uma foto em que ela está com os olhos arregalados e com a legenda: “as ideias, as queixas, a cabeça delirante continuam quase as mesmas”.

Nos dizeres de Magnabosco (2016, p. 2):

Vítima ou louca? Uma pergunta astuta para aqueles que não consideravam o “Quem”, que não ouviam o “Ser”, mas o substituíam pelo “Que” e consumiam modernamente os versos, palavras e rimas como elementos à margem de um cânone literário. Desconsiderando essa dicotomia da vítima ou louca, própria da modernidade das letras e corpus cientificistas, Carolina (como Quem) sofreu a passionalidade daqueles que vivem as antinomias da existência sem conhecimento suficiente para compreendê-las e, se possível, transformá-las. Passionalidade da fome, do excesso de falta, da solidão na luta pela sobrevivência. Passionalidade da tragédia onde se dá a luta incessante entre potências antagônicas, tanto no mundo dos sentimentos como no mundo objetivo do fazer humano, o qual ainda não encontrou palavras e símbolos para representar determinadas vivências e emoções.

Regina Penteado, autora do texto da matéria, não poupou esforços nem palavras para diminuir Carolina. A “preta velha e humilde”, como Penteado coloca, já se encontrava em seu sítio em Parelheiros, vivendo longe da fama e de toda a sociedade pertencente ao meio das “casas de alvenaria”. Ainda buscava na escrita refúgio e acolhimento de si e já não era tão sonhadora quanto antes. Penteado reconhece a importância de *Quarto de despejo* e seu sucesso passado, mas se demonstra inflexível ao converter Carolina como uma mulher desconfiada e

louca. Wrigley (2016, p. 62-63, tradução nossa) levanta considerações a respeito, afirmando que

Neste artigo, publicado para coincidir com o relançamento de Quarto de despejo em uma edição de bolso, a autora Regina Penteadó não hesitou em retratar Carolina como uma mulher patética com uma “cabeça delirante”. Penteadó aproveita todas as oportunidades para desacreditar Carolina. Além disso, representa o desejo de Carolina de se vingar de Dantas e de outras editoras (não está claro por que ela quer fazê-lo) como o pensamento delirante de uma mulher paranoica. (...) Não critica Dantas, Penteadó, antes o aplaude por ter lutado tanto para conseguir a publicação de Quarto de despejo e por ter desempenhado com tanto êxito sua exigente tarefa de “manejar” a perturbada Carolina. (...) Carolina se converteu em uma mulher demente que desconfia injustamente dos demais e crê demasiadamente no seu talento. (...) É um tipo de crítica que Carolina sofreu muito. Essas críticas a Carolina eram nada menos do que uma tentativa de desacreditá-la e, assim, silenciar sua voz sincera e verdadeira.

O retrato de coletividade presente em seus textos de escrita memorialística, tornam-na porta-voz do coletivo, espaço de combate às injustiças. Seus trabalhos foram perdendo espaço para a venda da sua imagem e da imagem da sua obra. A própria autora confessava se incomodar em ter se tornado um “produto midiático”.

Triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora? Um boneco explorado e me recuso a isso (LOYOLA, 1961, p. 8)⁷.

Ainda assim, esse fato não impediu a reflexão sobre o individual, o significado da representação pessoal de Carolina Maria de Jesus, que buscava ser ela própria, rejeitando a exploração da sua imagem. Após sua morte, em 1977, houve um esquecimento da história da autora. Mesmo com a produção de um especial da Rede Globo de Televisão em 1982, intitulado *Caso Verdade: de catadora de papel a escritora famosa* ou com a publicação póstuma de *Diário de Bitita* (1986), o apagamento de sua trajetória aconteceu devido à indiferença da mídia e do desinteresse do grande público por sua obra.

Apenas em 1994, com o lançamento do livro *Cinderela Negra: A saga de Carolina Maria de Jesus*, escrito pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, desperta-se, novamente, a perspectiva de resgate da memória de Carolina. Após esse “despertar”, a autora ganhou nome de rua, no bairro de Sapopemba, em São Paulo, também ganhou nome em uma biblioteca no Museu Afro-Brasil, no Parque Ibirapuera, em São Paulo: a

⁷ Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em: 31 de jul. de 2021.

Biblioteca Carolina Maria de Jesus. Seus livros ganharam novas edições, descobriram mais escritos e novas produções sobre a escritora foram lançadas.

Com a publicação de Meihy e Levine, a figura de Carolina foi, gradativamente, voltando à tona, principalmente por incluírem, no vocabulário político o fenômeno da pobreza e a situação das favelas com mais veemência (LEVINE; MEIHY, 1994). Depois disso, houve a segunda geração do sucesso da autora. A fama póstuma é composta também por pesquisas acadêmica de diversas áreas e temas, nacional e internacionalmente. Carolina hoje é considerada a mulher negra brasileira mais publicada no mundo.

Para tanto, a autora ganhou uma adaptação de sua biografia para os quadrinhos, em 2016, fruto da parceria entre a professora Sirlene Barbosa e o artista visual João Pinheiro. Carolina foi homenageada também por canais de televisão, como o Canal Futura, que dedicou um episódio do programa *Show de História* para a escritora, bem como a Rede Globo de Televisão, que em 2019 narrou um pouco sobre a história dela num quadro especial denominado *Mulheres Fantásticas*, do programa dominical *Fantástico*:

O canal GNT apresentou um documentário contando a trajetória de Carolina, disponibilizando-o também na plataforma de *streaming* GloboPlay. E o programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo, entrevistou Vera Eunice de Jesus, filha da autora, Tom Farias, autor da biografia *Carolina: uma biografia* (2017) e Zezé Motta, atriz que interpretou Carolina Maria de Jesus em um curta.

A história de Carolina, hoje, já é encontrada também em livros didáticos e apostilas do ensino básico, além de ser sugestões de aulas de muitos professores do país. Ademais, a escritora foi homenageada em razão do seu 105º aniversário, em março de 2019 pela agenda *Doodle*, da empresa *Google*, estampando a página de entrada do *site* de pesquisas. Outrossim, em 2017, integrou a ação *Donas da Rua*, uma parceria da Turma da Mônica e a Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, com o objetivo de incentivar as meninas do Brasil na defesa dos seus direitos.

Seu livro *Quarto de despejo* foi uma das leituras obrigatórias do vestibular 2020 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Outro acontecimento muito importante para a história da autora e a preservação de sua memória no cenário nacional foi a concessão dado a ela, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do título de Doutora Honoris Causa, no dia 25 de fevereiro de 2021.

O destaque que Carolina Maria de Jesus vem recebendo se demonstra merecido, visto que reconhece sua imposição frente às estruturas que a impediam de ser uma escritora. Sua

presença na literatura é importante, pois trouxe novas vozes e visões para o meio literário, usando como recurso a força das palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa nos fez entender que a cada etapa que avançávamos, a cada informação que encontrávamos e analisávamos, descobríamos a força de Carolina Maria de Jesus em sobreviver nos diversos contextos que transitou e sua resiliência presente também na Literatura. A escrita foi o meio que a possibilitou reescrever sua história, pois a autora via nisso não só uma oportunidade de exercer o seu prazer, mas também uma chance de alcançar melhores condições de vida, ascensão social para ela e seus três filhos. Sua criação foi fruto de muita coragem, originalidade, opinião crítica, talento e dedicação, o que culminou sua existência no universo literário.

Ao descrever alguns de seus textos, observamos como se deu a produção artística da autora: seu lirismo, estética, inspirações, características próprias de seu desenvolvimento, bem como ela encontrou formas de resistência por meio dos produtos culturais. Seu estilo apresenta marcas de sua realidade, bem como suas lembranças de opressão e submissão refletem a sociedade da época. Em suas obras, ela se torna dona da história apresentada, e busca uma forma de autorrepresentação, expondo seu eu enunciador em um contexto de pobreza e desolação. Seus escritos representam o ensejo de se ouvir sua voz. Assim, sua bibliografia se compõe de poesias, composições, contos, romances e diários, formando uma considerável produção literária.

Isto posto, foi relevante coletar o maior número de informações sobre a autora, seu lugar de fala, a obra e seu contexto histórico-social a partir do referencial teórico escolhido para a pesquisa. Assim, conhecemos melhor a situação de comunicação que foi trabalhada, demonstrando a representatividade e relevância de Carolina Maria de Jesus na Literatura.

Sendo assim, mesmo com as dificuldades para figurar o cenário nacional diante dos obstáculos com relação à qualidade textual, consideramos que Carolina foi uma importante autora brasileira, sendo capaz de apresentar uma produção inédita e original, especialmente na constituição da representação de uma realidade velada e desconhecida dos padrões estéticos definidos para a época. A escritora cria e recria um mundo das verdades fatuais, com a finalidade de se pensar sobre a condição humana e suas atitudes frente a determinadas situações.

A expressão da vontade comunicativa de uma mulher que jamais aceitou sua condição de submissa, mesmo sem amparo e acolhimento para seguir como ela própria e com sua autonomia, era a razão da conquista do seu ingresso mundo literário, independente da cobiçada qualidade textual. Dessa forma, reconhece-se o destaque de Carolina Maria de Jesus, enquanto

escritora, bem como a importância de sua obra para os estudos literários, para além de seu supressivo “status” social, determinado discriminadamente pela condição de negra, pobre, favelada e mulher.

Desse modo, identificamos como ela fez a representação de si e dos outros através das obras, relacionando todas essas informações com a importância dos escritos de Carolina Maria de Jesus para estudos da memória. Ressalta-se, portanto, a importância das narrativas de testemunho como as dela para uma consolidação histórica dos fatos, pois os relatos também se constituem da distribuição de importantes referências históricas ao longo do texto, possibilitando apontar diálogos possíveis entre literatura e as instâncias memorialísticas.

Por fim, reconhecemos que a marca que a autora deixou no panorama dos estudos literários brasileiros é de grande interesse, pois, além de todas as práticas acima citadas, também abriu caminhos para que outras tivessem oportunidades, auxiliando na busca e no avanço de tornar o subalterno visível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A CIGARRA, Carolina volta ao quarto de despejo. *In: A Cigarra*. São Paulo, p. 90. 03 ago. 1966. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&Pesq=%22catar%20papel%22&pagfis=71648>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Vozes, 2001.
- ALVES, Uelinton Farias. A literatura de Carolina Maria de Jesus: do ‘Quarto de despejo’ para o mundo. **O Globo: Cultura**. Set. 2014. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-13843687>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- ANDRADE, Leticia Pereira de. Quarto de despejo: Fato e ficção no espaço autobiográfico. **Revista Literatura em Debate**, Frederico Westphalen, v. 4, n. 5, p. 117-129, jul. 2009.
- ANDRADE, Mário de; ALVARENGA, Oneyda. **Cartas**. Organização e notas Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- ARISTÓTELES, Art of Rhetoric, Translation by John Henry Freese, 10^a edition, Massachusetts: Loeb Classical Library, 2006.
- ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. 2015. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Brasileira, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. 2015. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (org.). **Memorialismo e Resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. São Paulo. Martins Fontes, 2003.
- BANDEIRA, Manoel. Evocação do Recife. (Excerto) *In: Libertinagem. Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.133-136.
- BARCELLOS, Christovam; ZALUAR, Alba. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 94-102, 17 fev. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-8910.2014048004822>.
- BARTHES, Roland. Escrever a leitura. *In: O Rumor da Língua*. Rio de Janeiro. Editora Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In: Magia técnica, arte e política*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 2^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.p. 197 a 221.

BÍBLIA, Antigo Testamento. Gênesis. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave Maria**: edição de estudos. Tradução de José Joaquim Sobral. 6. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2016. p. 16-1502.

BÍBLIA, Novo Testamento. Segunda Carta aos Tessalonicenses. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave Maria**: edição de estudos. Tradução de José Joaquim Sobral. 6. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2016. p. 1503-2086.

BONOMO, Leticia Ueno. As mulheres de “Quarto de despejo”: Escrivência de uma protagonista. *In*: SILVA, Jacicarla; BRANDINI, Laura. **Anais eletrônicos do IX Colóquio de Estudos Literários**: Diálogos e Perspectivas. Londrina: Roland Barthes, 2015. p. 306-314.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Tradução de: Maria Helena Kühner.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: memórias e histórias. **Cadernos Cedex**, [S.L.], v. 20, n. 50, p. 84-102, abr. 2000. Fap-UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622000000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/RqmSgKNQJzK6WJQVtSczGmf/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2021.

CAMINHOS da Reportagem. **Carolina de Jesus, a escritora além do quarto**. Produção de Bianca Vasconcellos, Deise Machado, Pollyane Marques, Éverton Siqueira, Henrique Mathias. Rio de Janeiro: TvBrasil, 2020. P&B. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2020/11/carolina-de-jesus-escritora-alem-do-quarto>. Acesso em: 31 jul. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Editora Outro sobre Azul. 9. ed. Rio de Janeiro. 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CONCEIÇÃO, Wesley da Ressurreição. Carolina e Casa de alvenaria: uma interpretação do Brasil. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 4, p. 59-71, 2019.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. *In*: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014.

CORONEL, Luciana Paiva. Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 63-71, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/9-Literatura-de-periferia.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

COUTINHO, Afrânio. A crítica literária no Brasil. *In*: COUTINHO, Afrânio. **Crítica e poética**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

COUTINHO, Afrânio. Crítica literária. *In*: COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CRUZ, Paulo. Carolina Maria de Jesus: conservadorismo como virtude. 2019. **Gazeta do**

Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/paulo-cruz/carolina-maria-de-jesus-conservadorismo-como-virtude/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

DANTAS, Audálio. Casa de alvenaria - história de uma ascensão social. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Paulo de Azevedo Ltda, [1961]. p. 05-10.

DANTAS, Audálio. Prefácio. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. p. 02-04.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de: Heci Regina Candiani.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Galilée, 1977.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, Política e Identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Literatura e exclusão**. 1 ed. Porto Alegre: Zouk Editora, 2017.

ESCRITO, Vida Por. **Coleção Vera Eunice de Jesus Lima (1950-1986)**. 2014. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/coleo-vera-eunice-de-jesus-lima>. Acesso em: 02 ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afrobrasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem, 2009.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. **Itinerários**: Hibridismo, configurações identitárias e formais, Araraquara, v. [s. v], n. 27, p. 125-146, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1131/919>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FERNANDEZ, Raffaella. **Análise: Carolina Maria de Jesus, uma bricoleur na literatura brasileira**. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/analise-carolina-maria-de-jesus-uma-bricoleur-na-literatura-brasileira,e344a1b58e42af2760442cd382436200es5r4cjd.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni

Guimarães. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-95BHKT/1/disserta__o_amanda_crispim_ferreira.pdf. Acesso em: 31 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Eurípedes. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. **Criação e Crítica**, São Paulo, v. 4, p. 91-102, abr. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/3836>. Acesso em: 31 jul. 2021.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2014.

FONSECA, Rubem. **Diário de um fescenino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. Trad.: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

GONÇALVES, Ricardo Juozepavicius. **O livro “Quarto de Despejo” e suas questões jurídicas**. 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/02/21/livro-quarto-de-despejo-e-suas-questoes-juridicas/>. Acesso em: 23 ago. 2018.

GUIMARÃES, Cléo. Carolina Maria de Jesus: Homenagem à catadora que virou escritora e encantou Clarice Lispector. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 17 abr. 2017. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/carolina-maria-de-jesus-homenagem-catadora-que-virou-escritora-e-encantou-clarice-lispector.html>. Acesso em: 31 jul. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990. Tradução de: Laurent Léon Schaffter.

HOMERO. **Ilíada**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. Tradução de: Frederico Lourenço.

HOMERO. **Odisseia**. 6. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018. Tradução de: Frederico Lourenço.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *In*: INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - IFCS/UFRJ (Rio de Janeiro). **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 464-478, 1995. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/301>. Acesso em: 31 jul. 2021.

HOOKS, Bell. **Não serei eu mulher?** Lisboa: Orfeu Negro, 2018. Tradução de Nuno Quintas.

JESUS, Carolina Maria de. “O Sócrates Africano”. *In*: LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 190-19.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. Organização de, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Águila Ltda, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: [s.n., 196-?].

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

JOZEF, Bella. (Auto)Biografia: os territórios da memória e da história. *In*: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos; VASCONCELOS, Sandra (Org.). **Gêneros de fronteira: Cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã. 1997.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 38-61. Organização de: José Carlos Sebe Bom Meihy.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEDESMA, Vilmar. **A matéria de Audálio Dantas que revelou Carolina de Jesus**. 2018. Disponível em: <http://viledesm.blogspot.com/2018/05/a-materia-de-audalio-dantas-que-revelou.html>. Acesso em: 02 ago. 2021.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LITERAFRO. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 31 jul. 2021.

LONGO, Ivan. Professor branco diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ. **Fórum**. Porto Alegre, 20 abr. 2017. Cultura, p. 1-1. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/professor-branco-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. *In*: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 171-177.

LOPES, Elisangela. **Denúncia e reflexão no Quarto de Despejo**. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira – UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1025-denuncia-e-reflexao-no-quarto-de-despejo-elisangela-lobes>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LORD, Lúcio José Dutra. Desigualdade de gênero e literatura brasileira: um olhar a partir da sociologia. **Revista Entrelaces**, Ceará, v. 14, n. 1, p. 128-142, out./dez. 2018.

MACIEL, Camila. Filha de Carolina de Jesus diz que não conseguiu ler livro mais famoso da mãe. *In: Portal EBC*. 2015. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2015/11/filha-de-carolina-de-jesus-diz-que-nao-conseguiu-ler-livro-mais-famoso-da-mae>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. As fronteiras da Palavra em Carolina Maria de Jesus. *In: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva, TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês; (Orgs). Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 59-68.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**: um estudo sobre gênero. Tese. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MAGRI, Dirceu. **De borboletas e colibris em sobrevoo**: presença francesa nas crônicas machadianas. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2016.

MAIOLINO, A. L. G. Espaço urbano e subjetividade: um foco especial sobre a favela do Canal das Tachas. 2005. 346f. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro.

MALLMANN, Alda Cristina. **Perspectivas de Carolina Maria de Jesus**: Uma análise de Quarto de despejo em seu contexto histórico. 2018. Pato Branco, 2018.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma História da mulher**. Bauru: EDUSC, 2000, p. 7-44.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O inventário de uma certa poetisa. *In: JESUS, Carolina Maria de. Antologia Pessoal*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 07-37. Organização de: José Carlos Sebe Bom Meihy.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOISÉS, Massaud. **Nos 'Cadernos de Lanzarote', a imagem do 'eu' de José Saramago**. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/massaud01.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MOREIRA, Daniel da Silva. O diário, um gênero da margem. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 39, p. 89-98, 2019.

MOREIRA, Daniel da Silva. O diário, um gênero da margem. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 39, p. 89-98, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/15353/13582>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memórias e História**. Projeto História. São Paulo. Dezembro, 1993.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte:

UFMG, 2014.

O CRUZEIRO. A pobreza voltou: Só seu nome nas revistas antigas lembra sucesso passado pobreza. *In: O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, p. 112. 21 abr. 1971. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=180120>. Acesso em: 02 ago. 2021.

O CRUZEIRO. Do sucesso à pobreza. *In: O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, p. 19. 21 abr. 1971. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=180120>. Acesso em: 02 ago. 2021.

OLIVEIRA, Abrahão de. A Mulher Que Venceu Jorge Amado: O Livro de Carolina Maria de Jesus. *In: São Paulo in Foco*. 2016. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo de. Apresentação. *In: JESUS, Carolina Maria de. Pedacos da fome*. São Paulo: Aquila, 1963. p. 11-14.

PAULISTANO, Correio. Carolina foi apedrejada pelos maus vizinhos à saída da favela. *In: Correio Paulistano*. São Paulo, p. 16. 31 ago. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pasta=ano%20196&pagfis=3576&pagfis=3576. Acesso em: 02 ago. 2021.

PAULISTANO, Correio. Diário de uma favelada: Tapa na cara das elites responsáveis pela existência sórdida das favelas. Panfleto. *In: Correio Paulistano*. São Paulo, p. 03. 31 ago. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&Pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pagfis=3563. Acesso em: 02 ago. 2021.

PAULISTANO, Correio. Em alguma época, pobre comeu na lata de lixo? *Correio Paulistano*. São Paulo, p. 16. 25 ago. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pagfis=3488. Acesso em: 02 ago. 2021.

PAULISTANO, Correio. Lançamento do Diário da Favelada. *Correio Paulistano*. São Paulo, p. 07. 19 ago. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pasta=ano%20196&pagfis=3377&pagfis=3377. Acesso em: 02 ago. 2021.

PAULISTANO, Correio. Lançamento do livro “Quarto de despejo”. *Correio Paulistano*. São Paulo, p. 07. 20 ago. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pagfis=3411. Acesso em: 02 ago. 2021.

QUEIROZ, Rachel. Carolina. *In: O Cruzeiro Internacional*. Rio de Janeiro, p. 82. 16 fev. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=870915&pasta=ano%20196&pesq=%22rachel%20de%20queiroz%22&pagfis=1516>. Acesso em: 02 ago. 2021.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. Memória e Literatura: Contribuições para um estudo dialógico. **Linguagem em (Re)Vista**, Niterói, v. 11/12, n. 06, p. 92-104, jul. 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. Tradução de Cláudia Berliner.

SÃO PAULO, Folha de. Carolina vítima ou louca? *In*: **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 31. 01 dez. 1976. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6051&keyword=vitima%2CCarolina&anchor=4269735&origem=busca&originURL=&pd=5d1ad3e63b8a85a71804652b6ab9a72f>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação da questão: A literatura do trauma”. *In*: (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. *In*: ARAUJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica. **Violência na história: Memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio. Edição Kindle, 2012, posições 2065-2329.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. *In*: BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STIÉNON, Valérie. **Roland Barthes et son Journal: de l'inclination à la délibération**. Études françaises. Montréal (Québec), vol. 45, n° 3, jan. 2009, p. 129-150. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/etudfr/2009-v45-n3-etudfr3577/038862ar/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SUASSUNA, Ariano. **Escritor e dramaturgo diz que tentará desvendar o "Brasil real" em contraposição ao país "oficial grotesco e caricato"**. 1999. Arquivos Folha de São Paulo.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus: a escrita de si. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 247-257, jul. 2010.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus: resgate da memória e construção da identidade. *In*: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (org.). **Memorialismo e Resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 157-174.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de Ivania Pocinho Motta.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014. Tradução de: Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso.

WRIGLEY, Meredith. **Más allá de la basun**: La representación y la voz del recolector informal de materiales reciclables en textos escritos y filmicos sudamericanos. Editorial Verbum, SL. Manzana, 9, bajo único. Madrid, 2016.

XIMENES, Sérgio Barcellos. **A entrevista profética de Willy Aureli com Carolina Maria de Jesus em 1940**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@sergiobximenes/a-entrevista-prof%C3%A9tica-de-willy-aureli-com-carolina-maria-de-jesus-em-1940-142d9264fce3>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ANEXOS

ANEXO A – Transcrição de “Carolina Maria, poetisa preta”, de Willy Aureli

[O primeiro parágrafo encontra-se ilegível devido à superposição de textos.] [...] todas as vezes que [...] de exótico’ surge nos umbrais da redação, o secretário do jornal, circunvagando o olhar pelas mesas, trata de me descobrir a fim de ‘empurrar’ o artigo para o meu lado...

— Você entende dessas coisas — diz, a título de explicação.

E eu, por ‘entender dessas coisas’, lido com os fatos mais disparatados deste planeta, desses que chovem, quando um mortal menos o espera, pela redação adentro...

Sábado, por exemplo, apareceu uma poetisa. É bom que os leitores saibam: os jornalistas têm verdadeiro pavor às mulheres metidas a literatas, poetisas, declamadoras! Portanto, à voz de que uma fazedora de versos estava à espera de ser recebida produziu-se um vácuo imediato.

Eu vinha entrando nesse momento, e o secretário, que estava de saída, com um sorriso demasiadamente camarada interpelou-me:

— Você quer atender uma senhora?

— Pois não...

A senhora foi introduzida. Dois olhos rutilando nas órbitas brancas, duas genuínas jabuticabas irrequietas a nadar no leite dos bulbos. Mais abaixo, dentro de um negror profundo, um sorriso alvar, um traço claro numa noite escura: os dentes níveos numa boca jovem.

Em suma, um belo espécime de mulher negra. Boa estatura, elegante mesmo, porte rainha Sabá, assim como a descreve [H. Rider] Haggard [autor de As Minas do Rei Salomão]...

— Sou poetisa...

— Sente-se, por favor...

— Faça versos... Ninguém, porém, me leva a sério!

— Como assim?

— Ando pelas redações, e quando sabem que sou preta mandam dizer que não estão... Eis-me às voltas com meu ‘caso exótico’ e trato de me sair às mil maravilhas, ainda mais que o horário aperta e tenho encontro marcado.

— São uns ingratos...

— O Sr. quer ver alguma poesia de minha lavra?

— Conceda-nos essa honra...

Exibe uns papéis, um caderno, uns recortes de revistas. Lê e declama. Com naturalidade e graça, ótima dicção, tudo de mistura com o sorriso que é um raio de luz em tamanhas trevas...

Chama-se Carolina Maria, tem 26 anos de idade, nasceu em Sacramento, Minas Gerais. Das Alterosas veio para a pauliceia como criada de servir e, logo depois, evoluindo, acabou numa fábrica, onde ainda se encontra trabalhando.

— Só andei dois anos na escola. Agora nem posso ler.

— Como assim?

— Sei demais, e tudo quanto leio me estorva... Não há a menor fanfarronice ou gabolice, tão próprias dos pretos pernósticos.

Diz tudo com a maior franqueza e ingenuidade.

— Sei não... minha cabeça está cheia de versos. Brotam sozinhos, e eu coloco-os no papel...

Outros aproveitam do meu saber. Há discos com poesias de minha lavra. Mas o que adianta reclamar? Eu produzo e outros lucram...

Delicia-nos com uns versos: cantos amorosos, ode ao Lampião, tristezas de namorados, tudo muito simples, muito puro, sincero; fala direta ao coração dos humildes.

Gostamos do Colono e o fazendeiro que é o seguinte:

O colono e o fazendeiro

Diz o brasileiro

Que acabou a escravidão...
 Mas o colono sua o ano inteiro
 E nunca tem um tostão!

Se o colono está doente
 É preciso trabalhar!
 Luta o pobre, no sol quente
 E nada tem para guardar...

Cinco da madrugada:
 Toca o fiscal a corneta
 Despertando o camarada
 Pra ir fazer a colheita.

Chega à roça.
 O Sol nasce.
 Cada um na sua linha
 Suando. E para comer?
 Só feijão e farinha...

Nunca pode melhorar
 Esta negra situação.
 Carne não pode comprar
 Pra não dever pro patrão!

Fazendeiro ao fim do mês
 Dá um vale de cem réis.
 Artigo que custa seis
 Vende ao colono por dez!

Colono não tem futuro
 Trabalha todo o dia.
 O pobre não tem seguro
 E nem aposentadoria...

Ele perde a mocidade
 A vida inteira no mato
 E não tem sociedade!
 Onde está o seu sindicato?

Ele passa o ano inteiro
 Trabalhando.
 Que 'grandeza'...
 Enriquece o fazendeiro
 E termina na pobreza!

— Que horas tem aí? — pergunta a poetisa.
 — Meio-dia e meia... — Céus! Tenho que me apressar. Está na hora da fábrica apitar...
 — Sempre rimando.
 — Está em mim, sou feita assim. Tá vendo?

Prometeu regressar. Sorriu satisfeita quando o fotógrafo sincronizou a chapa. Cumprimentou a todos com um único gesto e saiu, por onde entrara, deixando uma esteira de simpatia.
 É possível que ainda se torne célebre...

ANEXO B – Coluna comentada por Mauricio Loreiro Gama, em 1960, no jornal *Correio Paulistano*, que defende o primeiro livro publicado de Carolina Maria de Jesus

QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1960

Ridendo Castigat Mores

Tabloide

EDITOR: MAURICIO LOUREIRO GAMA

ANO V || São Paulo, 31 de agosto de 1960 || NUM. 1.435

MANCHETE: “Diario de uma favelada”: Tapa na cara das elites responsaveis pela existencia sordida das favelas. Panfleto.

ARTIGO DE FUNDO: O livro de Carolina Maria de Jesus esta sendo um “estouro” na praça livreira. Dez mil exemplares se derreteram num atimo. E mais dez mil logo mais estarão nas livrarias a fim de saciar a curiosidade dos leitores.

Um guardião do idioma, um guarda-civil da lingua, um gramatico seco, um estilista que nao vê, não sente os temas mas apenas procura, nos livros, o estilo — esse já estrilou:

— Mas não é possível admitir-se a publicação de um livro assim! Nunca li tanta sandice, tanta bobagem! Nunca vi tanto erro de português, tanta vulgaridade! Nunca vi tamanha falta de senso artistico! Como é que uma editora idonea se permite editar um volume dessa ordem?

Eis aí a reação de um reacionario, de um porta-voz de ideias e principios obsoletos, de um gramatico caturra, que nao se importa com a colocação correta dos problemas e, sim, com a colocação elegante, certinha, dos pronomes. Eis aí a opinião algida, e ranheta, de um critico de figado arruinado que viu a aparência e não sentiu a substancia da obra.

O livro de Carolina Maria de Jesus e um livro desagradavel. Quem quiser ler livros agradaveis, macios como pelucia ou veludo, que leia Madame Delly, que ainda hoje arranca suspiros liricos às mocinhas que adoescem nos internatos grifinos. O “Diario de uma Favelada” e parecido com a propria favela. Tem um cheiro assim de peixe estragado em jim de jeira, um odor ácido de frutas e legumes jogados ao chão, e sendo catados pelas mulheres e crianças que povoam as favelas e não querem morrer de fome. Tem um cheiro de pantano, tem um odor de lata de lixo.

“O “Quarto de Despejo” não há canarinhos melancolicos cantando em gaiolas douradas. Há pulgas, percevejos e ratos. Não há cretones nem linhos. Há trapos, há farrapos, há papel de jornal

Grande livro. Talvez as elites, lendo-o, sintam-se envergonhadas e deixem de ser tão egoistas, tão impostoras, tão farisaicas, tão insinceras como os chás e a caridade “society”...

Figura 1 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 3.⁸

⁸ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&Pesq=%20Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pagfis=3563. Acesso em: 03 nov. 2021.

ANEXO C – Imagem da matéria sobre Carolina Maria de Jesus, do repórter Audálio Dantas, no *Folha da Noite*, em 1958

Biografia é bem o termo para o que Carolina Maria de Jesus faz em relação à favela em que vive. Em seu barracão há quase uma dezena de cadernos, nos quais ela escreveu o dia-a-dia daquele aglomerado humano. Com sua caligrafia nervosa, ela conta coisas que nenhum escritor do mundo seria capaz de contar com tanta propriedade; traça um retrato sem retoques da favela, que aparece nítida, impressionantemente revelada em um "diário", em quadrinhas que são quase notícias de jornal ou em "contos" e "romances" cujos personagens fervilham sob telhados de lata e zinco.

O drama da favela escrito por uma favelada

Carolina Maria de Jesus Faz um Retrato sem Retoque do Mundo Sórdido em que vive

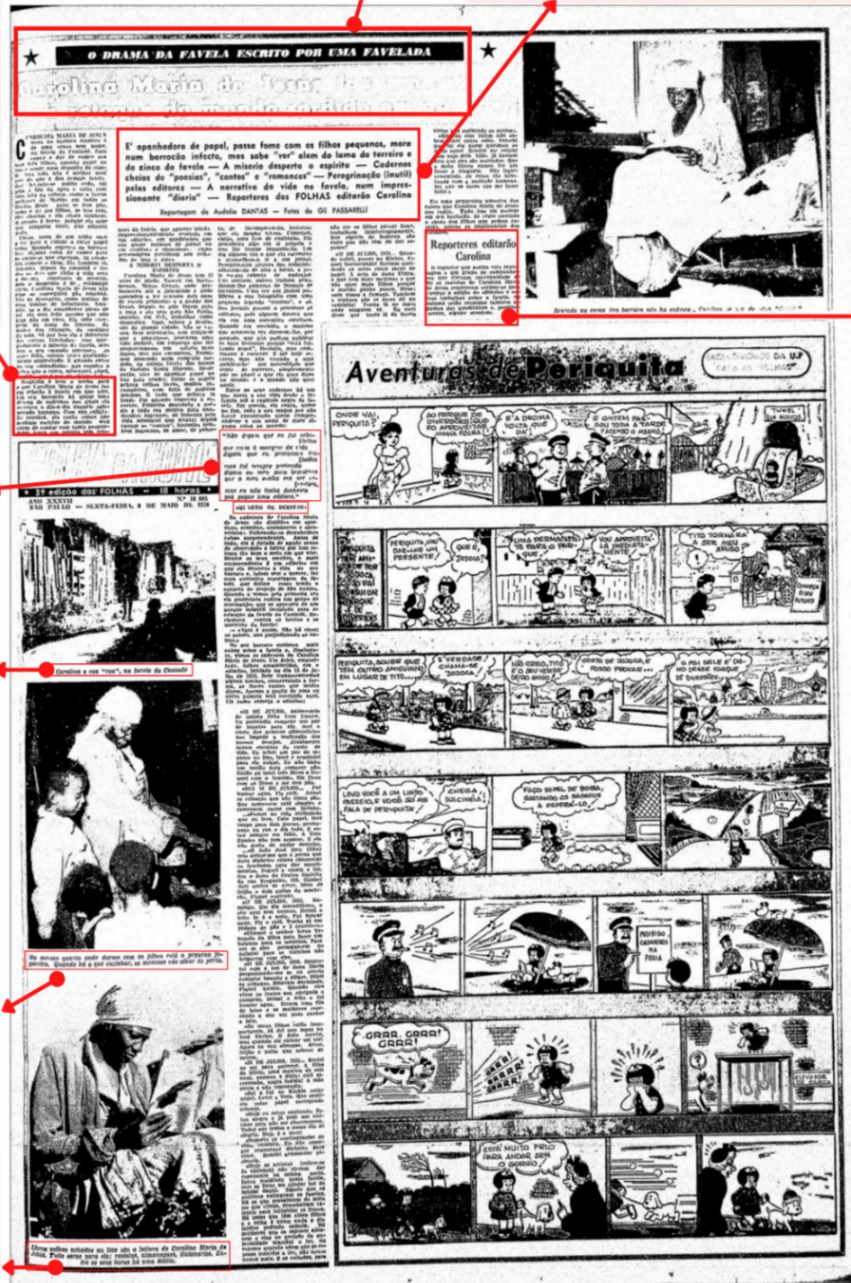
É apanhadora de papel, passa fome com os filhos pequenos, mora num barracão infecto, mas sabe "ver" além da lama do terreiro e do zinco da favela – A miséria desperta o espírito – Cadernos cheios de "poesias", "contos" e "romances" – Peregrinação (inútil) pelas editoras – A narrativa da vida na favela, num impressionante "diário" – Repórteres das FOLHAS editarão Carolina

"Não digam que eu fui rebotalho, / Que vivia à margem da vida / Digam que eu procurava por trabalho / Mas sempre fui preterida. Digam ao meu povo brasileiro / Que o meu sonho era ser escritora, / Mas eu não tinha dinheiro / Pra pagar uma editora."

Carolina e sua "rua" na favela do Canindé

No mesmo quarto onde dorme com os filhos está o pequeno fogareiro. Quando há o que cozinhar, os meninos vão olhar de perto.

Livros velhos achados no lixo são a leitura de Carolina Maria de Jesus. Tudo serve para ela: revistas, almanaques, dicionários. Entre os seus livros há uma Bíblia.



O repórter que assina esta reportagem e um grupo de companheiros que tiveram oportunidade de ler os escritos de Carolina Maria de Jesus resolveram cotizar-se para custear a edição do "Diário" e outros trabalhos sobre a favela. No volume serão reunidas também algumas das quadrinhas e, possivelmente, alguns "contos".

Figura 2 - Carolina Maria de Jesus (In: Folha da Noite, 09/05/1958, p. 5)⁹ - Com grifos nossos.

⁹ Disponível em: https://exame.com/wp-content/uploads/2019/03/folha-1958_page-0001.jpg. Acesso em: 27 abr. 2021.

ANEXO D – Foto de Carolina Maria de Jesus em sua volta em catar papel. Ela se encontra em meio a livros, revistas e cadernos, já sem nenhum sucesso



Figura 3 - Carolina Maria de Jesus em meio a livros, revistas e cadernos. Fotografia de Carlos Piccino.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=180213>. Acesso em: 03 nov. 2021.

ANEXO E – Imagens da matéria “Retrato da favela no diário de Carolina”



Figura 4 - O Cruzeiro, em 1959. 1/4.¹¹



Figura 5 - O Cruzeiro, em 1959. 2/4.

¹¹ Disponível em: <http://viledesm.blogspot.com/2018/05/a-materia-de-audalio-dantas-que-revelou.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

ANEXO F – Transcrição da reportagem: “Retrato da favela no diário de Carolina -Texto e fotos de Audálio Dantas

A FAVELA do Canindé, em São Paulo, é o pequeno (e miserável) mundo de Maria Carolina de Jesus. Uma favela igual a todas as outras: suja, triste, turbulenta. E com a desvantagem de ter nascido na beira de um rio (o Tietê), que freqüentemente invade tudo com as suas águas carregadas das sujeiras da cidade. Carolina vive mal, como vivem todos na favela. Profissão, não tem. Apanha papéis nas latas de lixo da cidade. Nem sempre há o que comer (para ela e três filhos menores) em seu barraco. Mas ela aprendeu a “ver” além da lama da “rua” e dos barracos escuros: tem o seu mundinho interior, no qual, às vêzes, há sol e nuvens coloridas. Escreve versos ingênuos, enche cadernos de sonhos. Mas não se limita a sonhar. Não esquece o mundo sórdido que a cerca, a miséria de seus irmãos favelados — a sua própria miséria. Maria Carolina tem em seu barraco uma dezena de cadernos cheios da vida da favela, um diário fiel, sem artificios, do dia-a-dia de sua comunidade marginal. Há longos anos, ela vem escrevendo a respeito do seu pequeno mundo, “fotografando” misérias, desencantos e, até, pequenas alegrias. Porque, segundo ela mesma confessa, “a gente que mora na favela também tem dia de alegria”.

A fome fabrica uma escritora

O “DIÁRIO” de Carolina é reportagem autêntica, retrato sem retoques. Carolina Maria de Jesus faz reportagem diária sobre a favela. Reportagem vivida e sofrida. Quando fala da longa espera na “fila da água” (há apenas uma torneira para o abastecimento de toda a população) é com o conhecimento de causa de quem permanece horas sentada numa lata, aguardando a vez de chegar à torneira. E quando escreve, com sua caligrafia nervosa, que não tem o que comer, é com o desalento de quem está de estômago vazio, e sem perspectiva imediata de enchê-lo.

Carolina Maria de Jesus tem 45 anos de idade: “23 anos de miséria na roça e 22 anos de miséria na cidade”, conforme ela mesma define a sua vida. Nasceu no interior de Minas (Sacramento) e está em São Paulo desde 1937, ano em que “estreu” na favela. Sòzinha, sem experiência, encontrava tôdas as portas fechadas. Até que conheceu outros miseráveis, que lhe estenderam a mão. Foi na favela, onde vive até hoje, que encontrou um pouco de solidariedade. E, como marginal, começou a preocupar-se com o problema de outros marginais. Entre os papéis, que apanhava no lixo, sempre encontrava revistas velhas, livros dilacerados. Lia tudo. Um dia, tentou uns versos, achou bom e começou a sua “fase poética”. Tudo era motivo para quadrinhas ingênuas que falavam de gente pobre, de gente rica, de gente boa e de gente ruim. Depois vieram os “contos” e os “romances” — histórias simples, mas sempre marcadas pelos tons negros da miséria.

Alguém viu os seus escritos e disse que eram bons, que ela procura-se os jornais. Carolina iniciou uma peregrinação pelas redações, mas nem sempre encontrava alguém com disposição para ler os seus cadernos. Dos jornais passou às editoras. Nunca chegou a ser recebida. Desistiu, mas não parou de escrever. Por necessidade de dizer algo ao mundo, gritar aos ouvidos surdos do mundo. Seu barraco está cheio de cadernos velhos, empoeirados. Cheio dos gritos roucos dos favelados. Mas Carolina não é apenas uma mulher que grita contra o mundo. Tem os seus momentos de fuga, quando deixa o registro puro e simples das misérias da favela e se encontra com o seu “mundinho interior”. Olha através da janela do barraco e não vê a lama do terreiro. Nem ouve o chôro do filho do vizinho. Descobre nuvens coloridas sobre os telhados de zinco, enche os olhos de sol e o coração de alegria. É no “diário”, porém, que se encontra a autêntica Carolina Maria de Jesus, favelada falando da

favela. Carolina só estêve durante dois anos na escola, mas sabe contar histórias. Suas frases curtas, muitas vezes incorretas, dizem muita coisa. Coisas de um pequeno mundo que se agita sob telhados de zinco. Eis alguns trechos do “Diário de Carolina”, escolhidos ao acaso:

— 21 de julho de 1955. Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar. (...) Já habituei beber café na casa de seu Lino. Tudo que eu peço a ele emprestado ele me empresta. Quando eu vou pagar, não recebe. Fui torcer roupa e vim preparar o almoço. Hoje estou cantando. Todos nós temos o nosso dia de alegria. Hoje é o meu!

— 17 de maio de 1958. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

— 19 de maio de 1958. Deixei o leito às 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. São irracionais. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer. (...) Havia pessoas que nos visitava e dizia: “Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo”. (...) Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Vou encontrá-lo hoje às 10 horas. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se fôr eleito há de abolir as favelas. (...) Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É a época das flôres brancas, a cor que predomina. É o mês de Maria e os altares deve estar adornados com as flores brancas.

— 20 de maio de 1958. O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito. A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte.

— 28 de maio de 1958. Amanheceu chovendo. Tenho só 3 cruzeiros porque emprestei 5 para a Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados. (...) Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível (sic), tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva igual ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (...) Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver na panela. Ainda, mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para elas.

— 12 de agosto de 1958. Deixei o leito às 6 e meia e fui buscar água. Estava uma fila enorme. E o pior de tudo é a maledicência, que é o assunto principal. Tinha uma preta que parece que foi vacinada com agulha de vitrola. Falava do genro que brigava com sua filha. Atualmente é difícil para pegar água porque o povo da favela duplicou-se. E a torneira é só uma.

— 23 de outubro de 1958. (...) Agora que passou a ser o encarregado da luz deixou de trabalhar. De manhã ele senta lá na torneira e fica dando palpíte. Eu penso: ele perde porque a língua das mulheres da favela é de amargar. Não é de osso, mas quebra osso. Até o Lacerda perde para as mulheres da favela.

— 5 de dezembro de 1958. (...) Fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor J. M. foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos. Eu hoje estou muito triste.

— 25 de dezembro de 1958. (...) O João entrou dizendo que estava com dor de barriga. Percebi que foi por ele ter comido melancia estragada. Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio. Não sei porque é que esses comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui na favela para as crianças ver e comer.

— 31 de dezembro de 1958. (...) Hoje uma nortista foi para o hospital ter filho e a criança nasceu morta. Ela está tomando sôro. A sua mãe está chorando porque ela é filha unica. Tem baile na casa do Vitor. Adormeci depois das corridas (refere-se à corrida de São Silvestre). E fiquei pensando na minha vida no decorrer dêste ano. (...) O José Carlos e o João José estavam jogando bola. A bola do Tônico. E a bola caiu dentro do quintal do V. E a mulher do V. furou a bola do menino. E os meninos começaram a xingar. Ela pegou um revólver e correu atrás dos meninos. E se o revólver disparasse?

Eis uma pequena amostra do “Diário de Carolina”. São coisas que ela escreve e deseja que o mundo veja.

Nota da Redação: Foi respeitado o original.”¹³

¹³ Disponível em: <http://viledesm.blogspot.com/2018/05/a-materia-de-audalio-dantas-que-revelou.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

ANEXO G – Sequência de reportagens, com transcrições, dos caminhos da escritora após a publicação de *Quarto de despejo* (1960)

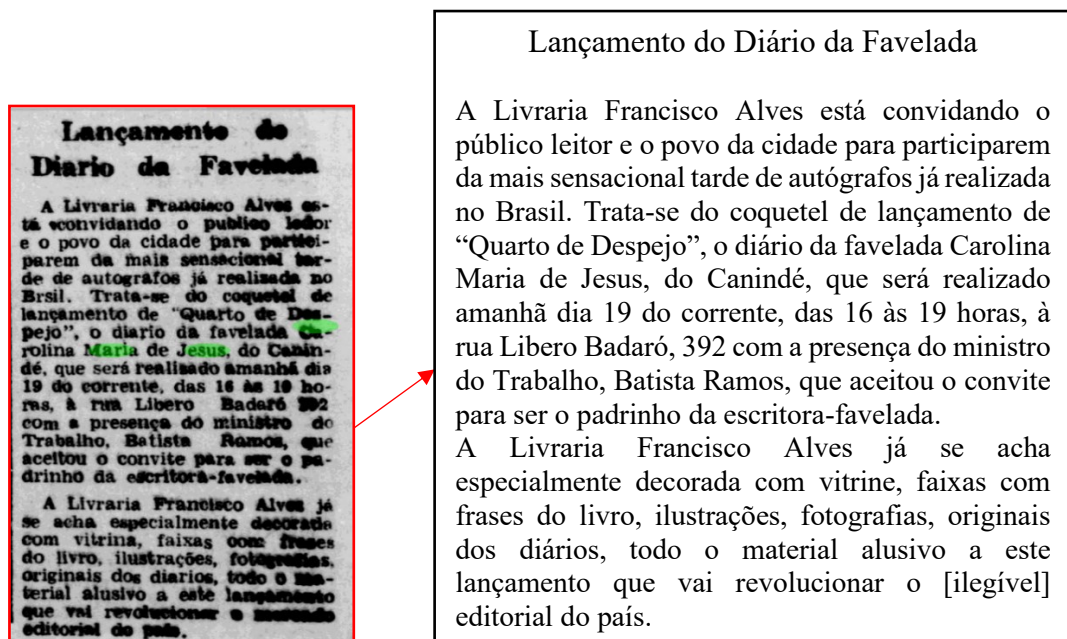


Figura 8 - Correio Paulistano (SP), 18 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 7.¹⁴

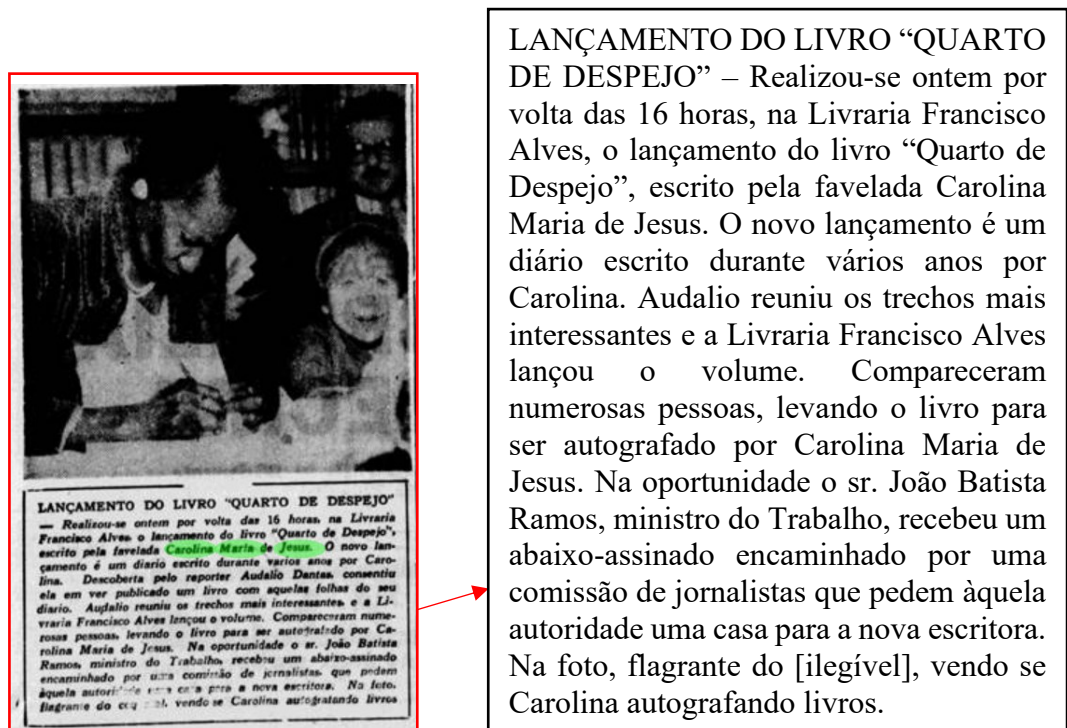


Figura 9 - Correio Paulistano (SP), 20 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 7.¹⁵

¹⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pasta=ano%20196&pagfis=3377&pagfis=3377. Acesso em: 02 ago. 2021.

¹⁵ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pagfis=3411. Acesso em: 02 ago. 2021.



Figura 10 - Registro do lançamento do livro “Quarto de Despejo”.¹⁶

¹⁶ Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ANEXO H – Registro da saída de Carolina Maria de Jesus da favela do Canindé

Carolina Foi Apedrejada Pelos Maus Vizinhos à Saída da Favela

“Após 12 anos de sofrimento deixou este barraco onde só tive desgostos” — Não suportava mais — Isso é com o ministro — Casa própria em Suzano

APEDREJADA

Quando o caminhão, alugado, saiu da favela, os meninos atiraram pedras sobre Carolina e seus filhos que estavam na carroceria do veículo. Carolina não se importou com o ocorrido, encarando-o com otimismo disse à reportagem que na favela é assim mesmo, ninguém pode estar bem que os outros têm inveja.

— “É bom que os senhores da imprensa vejam esse quadro, assim poderão compreender melhor o que escrevo em meu livro”.

Carolina Maria, dirigiu-se para um comodo limpo e de “alvenaria”, como sempre desejou em seu livro, “não é um quarto grande mas dá”, diz a escritora da favela. Chegou em Osasco apenas com um colchão e disse que se arranjaria depois para poder dormir.

Suas crianças ficaram alegres ao ver a água encanada e a luz elétrica.

Carolina, porém, não pareceu

“Após 12 anos de sofrimento, finalmente deixou este barraco onde só tive desgostos: — “palavras da favelada Maria Carolina de Jesus, que ontem deixou o local em que morava na favela do Canindé, passando a residir provisoriamente num comodo em Osasco. Maria Carolina, que passou da lata dagua à celebridade com o seu livro “Quarto de Despejo”, ao sair ontem por volta das 14 horas da favela foi apedrejada pelos vizinhos. Como se sabe, a favelada narra em seu livro as misérias da favela, acusando autoridades e apontando os bons e maus moradores.

Estes ultimos aproveitaram a oportunidade para apupa-la e maltrata-la, muitos diziam que se Carolina estava ganhando dinheiro devia com eles repartir, pois eles fazem parte do seu livro.

cará hospedada em Osasco. Pe- de por nosso intermedio às autoridades do IAPC que providenciem o que prometeram para o mais breve possivel.

“Viver na favela já não era mais possivel, disse a certa altura Carolina, porém eu estava mais acostumada, agora anseio pela minha casa onde poderei educar meus filhos e escrever outros livros”.

Conversando com José Hamilton, um dos seus amigos, Carolina disse que procurará de todas as maneiras mudar-se o mais depressa possivel para a casa de Suzano.

Figura 11 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 16. Parte 1/2.¹⁷

muito contente, disse num desabafo, “será que minha casa lá em Suzano custará para vir?”

ISSO É COM O MINISTRO

Carolina Maria de Jesus, descoberta por Audalio Dantas, reporter, vem lutando por conseguir uma casa propria. Jornalistas fizeram um oficio que foi encaminhado ao ministro do Trabalho, sr. João Batista Ramos, que imediatamente assinou concordando em doar uma das casas do conjunto do IAPC, em Suzano, porém como ainda demorará um pouco, Carolina fi-

cará hospedada em Osasco. Pe- de por nosso intermedio às autoridades do IAPC que providenciem o que prometeram para o mais breve possivel.

“Viver na favela já não era mais possivel, disse a certa altura Carolina, porém eu estava mais acostumada, agora anseio pela minha casa onde poderei educar meus filhos e escrever outros livros”.

Conversando com José Hamilton, um dos seus amigos, Carolina disse que procurará de todas as maneiras mudar-se o mais depressa possivel para a casa de Suzano.

Figura 12 - Correio Paulistano (SP), 31 de agosto de 1960, 1º Caderno, página 16. Parte 2/2.

¹⁷ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pasta=ano%20196&pagfis=3576&pagfis=3576. Acesso em: 18 fev. 2021.

ANEXO I – Registros do momento da queda da fama de Carolina no Brasil



Carolina volta ao quarto de despejo

Durante muito tempo, Carolina Maria de Jesus viveu na favela do Canindé, em São Paulo. E a única maneira de arranjar alguma coisa para poder sobreviver com os filhos, era **catar papel** nas ruas da capital paulista para vender, e revirar latas de lixo procurando algo para comer. Um belo dia, porém, Carolina resolveu contar, em prosa, a sua triste história, e foi aí que surgiu "O Quarto de Despejo". O livro virou "best-seller", e, da noite para o dia, Carolina ficou famosa. Seu livro correu o mundo, foi traduzido para quatro idiomas, e ela ficou conhecida em

22 países. De direitos autorais recebeu um bom dinheiro. Comprou uma bonita casa de alvenaria na cidade, passou a freqüentar os meios intelectuais e viajou pelo mundo afora. Agora seus filhos tinham o que comer e vestir. Mas esse dinheiro acabou. E o remédio foi vender a casa nova e comprar um pedaço de terra onde poderá plantar legumes e verduras. Carolina volta agora para a favela e para a antiga profissão. Mas, com ar triste, confessa que hoje sente vergonha catando papel.

Figura 13 - A Cigarra (SP), 03 de agosto de 1966, página 90.¹⁸



Figura 14 - O Cruzeiro (RJ), 21 de abril de 1971, página 19.¹⁹

¹⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003085&Pesq=%22catar%20papel%22&pagfis=71648>. Acesso em: 19 fev. 2021.

¹⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=180120>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ANEXO J – Tabela com os temas presentes na *Antologia Pessoal* de Carolina Maria de Jesus

Tabela 1 - Os temas da *Antologia Pessoal* de Carolina Maria de Jesus.

Tema	Número de Poemas	Página na <i>Antologia Pessoal</i>
Alcoolismo	1	93
Amor romântico	31	70 – 73 – 85 – 87 – 90 – 91 – 105 – 108 – 109 – 111 – 119 – 122 – 125 – 129 – 130 – 153 – 154 – 156 – 160 – 161 – 162 – 170 – 184 – 186 – 197 – 198 – 218 – 220 – 226 – 228 – 231
Avô	1	157
Bucolismo	11	71 – 101 – 111 – 116 – 122 – 125 – 127 – 169 – 183 – 228 – 231
Casamento	1	133
Fé	9	79 – 83 – 103 – 128 – 136 – 144 – 180 – 183 – 197
Infância/Mocidade	5	128 – 168 – 190 – 220 - 230
Maternidade	14	67 – 77 – 81 – 86 – 96 – 101 – 102 – 114 – 116 – 142 – 150 – 180 – 192 – 196
Morte	5	169 – 172 – 174 – 217 - 226
Nacionalismo	4	68 – 177 – 183 - 224
Pobreza	14	90 – 91 – 98 – 103 – 136 – 142 – 147 – 150 – 166 – 179 – 182 – 196 – 214 – 233
Poeta/Poesia	6	91 – 108 – 113 – 160 – 179 - 219
Política	6	65 – 112 – 118 – 135 – 222 – 233
Prisão	9	83 – 171 – 173 – 175 – 180 – 182- 189 – 226 – 230
Sertão	5	125 – 155 – 167 – 184 – 186
Velhice	6	98 – 130 – 139 – 146 – 164 – 190
Vida	1	234

Fonte: elaboração própria.